

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA LUIZA SAVI

VOCÊ PODE PENSAR QUE CAMISINHA É UM MERO
DETALHE, MAS NÃO É!
Uma análise crítica da gravidez na adolescência em revistas *teen*

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA LUIZA SAVI

**VOCÊ PODE PENSAR QUE CAMISINHA É UM MERO
DETALHE, MAS NÃO É!**
Uma análise crítica da gravidez na adolescência em revistas *teen*

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profª Drª Flavia Arantes Hime.

SÃO PAULO

2017

Agradecimentos

À PUC, pela formação que me permitiu abrir os horizontes, enquanto pessoa e como profissional, inundando-me de seu caráter crítico e revolucionário;

À minha família, que esteve ao meu lado em todas as horas (inclusive durante as incessantes discussões);

À minha mãe, Luciene, que dedicou toda a sua esperança para que eu não perdesse a minha, acreditando em mim todos os dias;

A meu pai, Dante, que permitiu-me ser o que me fizesse mais feliz, oferecendo as condições e a bravura necessárias;

Aos meus padrinhos, Angela e Carlos, que sempre significaram um porto seguro;

Aos meus companheiros de curso, que tornaram a universidade minha casa;

À minha orientadora, Flavia, que organizou meu caos e foi fundamental para a concretização da pesquisa acerca de um tema tão querido;

À minha parecerista, Maria Elisabeth, que carinhosamente me acompanhou durante o curso, apoiando-me nas diferentes trajetórias que a vida (e a Psicologia) traçaram;

A todos (as) que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa e para a conclusão de minha graduação no curso de Psicologia, um sincero obrigada.

RESUMO

7.00.00.00-0 Ciências Humanas

7.07.00.00-1 Psicologia

SAVI, Ana Luiza: Você pode pensar que camisinha é um mero detalhe, mas não é: uma análise crítica da gravidez na adolescência em revistas *teen*. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP. Brasil.

No contexto da adolescência, por meio da perspectiva sócio-histórica, é possível observar que a questão da gravidez se coloca como um “problema”, tanto biológica quanto socialmente, devido a riscos fisiológicos para mãe e o feto, obtenção de DST’s e evasão escolar, sem considerar a possibilidade desta enquanto projeto de futuro. A pesquisa tem como objetivo a análise qualitativa da mídia direcionada ao público adolescente acerca da gestação na adolescência, propondo-se a investigar a maneira como a temática era abordada pelas revistas adolescentes de grande tiragem. Foi possível concluir que é veiculada uma identidade da jovem adolescente ideal, unicamente responsável pela contracepção e que não engravida de maneira “precoce” e indesejada; porém, quando há ocorrência da gestação, esta deve prosseguir, o que leva a jovem a abrir mão de sua escolaridade e carreira para dedicar-se ao cuidado dos filhos e do lar, mesmo que este projeto não tenha sido por ela idealizado. Desta maneira, é possível inferir uma transmissão ideológica de valores, que naturaliza a adolescência enquanto fase “confusa e irresponsável” da vida e perpetua a opressão de gênero, que destina e limita a mulher ao ambiente privado.

Palavras-chave: “gravidez na adolescência”, “mídia”, “revista adolescente”, “sócio-histórica”.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
1.1 Adolescência	10
1.2 Sexualidade	14
1.2.1 Iniciação sexual do (a) adolescente	20
1.2.2 Acesso à informação e regulação da fertilidade	24
1.3 Gravidez na adolescência	29
1.3.1 Contexto da gravidez na adolescência	33
1.3.2 Descoberta da gravidez	35
1.3.3 Implicações	37
1.4 Mídia	41
1.4.1 Papel da mídia adolescente e sua influência	45
1.4.2 Revistas selecionadas	46
1.4.3 Considerações	47
2. Método	48
3. Resultados	50
3.1 Capricho	50
3.1.1 Não passou pela minha cabeça que havia chances de eu estar grávida	50
3.1.2 Dez coisas que eu não sabia antes da gravidez	51
3.2 Atrevida	54
3.2.1 Gravidez na adolescência: conheça casos reais de meninas que enfrentaram essa barra	54
3.2.2 Estou grávida, e agora?	55
3.3 TodaTeen	58
3.3.1 Gravidez na adolescência	58
3.3.2 Grávida e adolescente	59
4. Análise dos resultados	61
4.1 Discussão	77
5. Considerações Finais	82
6. Referências Bibliográficas	85
ANEXOS	90

1. Introdução

A escolha da temática da adolescência deve-se ao silenciamento das jovens acerca da experiência de sua sexualidade e a possibilidade de abortamento, o que em muitas situações que não contribui para a vivência de uma sexualidade saudável e segura, por se encontrarem incluídas em uma lógica de vulnerabilidade permeada pelo não-dito, seja acerca do prazer e da vida sexual, seja da gravidez e de suas decorrências.

Acompanhando o movimento feminista, pude participar de passeatas e manifestações defendendo a tomada do próprio corpo e a participação ativa da mulher na sociedade, enquanto uma população que tem, sim, voz. Entretanto, quem eram essas mulheres presentes às manifestações? De maioria branca, elitizadas, com acesso à informação sobre o feminismo, à *internet* e, provavelmente, a um aborto mais seguro devido às melhores condições financeiras (no caso de uma gravidez indesejada).

Assim, espero que meu trabalho possa abordar experiências de adolescentes em diferentes contextos econômicos e sociais, inseridas em diferentes comunidades com diferentes significações e perspectivas frente a uma gravidez inesperada, abrindo espaço para uma escolha de futuro acerca da gestação. Espero, também, ilustrar o conteúdo direcionado às adolescentes de maneira crítica, observando se as revistas lhes dão voz e funcionam enquanto instrumentos que provêm repertório para lidar com diversas situações, entre elas, a gravidez.

Na realidade brasileira, encontra-se uma sociedade capitalista patriarcal que funciona de maneira a atribuir diferentes oportunidades a grupos diversos, a depender dos interesses dominantes, sendo que a manutenção dos valores depende grandemente dos veículos de comunicação. Diante de altos índices de gravidez na adolescência e considerando a influência da grande mídia no exercício da sexualidade adolescente, a pesquisa tem como **objetivo** a investigação do discurso acerca da gravidez na adolescência em revistas voltadas ao público adolescente, buscando compreender a abordagem da sexualidade, contracepção e gravidez em um meio que “dialoga” de maneira próxima com a jovem.

É importante que a adolescente possa ser vista a partir de uma perspectiva que permita a prática de um papel ativo frente ao exercício considerado responsável de sua sexualidade, evitando as concepções que a consideram naturalmente

irresponsável e impulsiva e dando-lhe os recursos para que decida conscientemente sobre a efetivação da contracepção ou da sua ausência, diante do desejo de uma gravidez planejada.

Procuro assim, por meio da perspectiva sócio-histórica, desnaturalizar o conceito de adolescência como fase inerente ao ser humano que o tornaria “normalmente e momentaneamente patológico” (BOCK, 2007) e considerar sua inserção, no caso brasileiro, em um sistema capitalista que vê oportunidade de maior formação anterior à entrada no mercado de trabalho, no *gap* entre a infância e a idade adulta.

A abordagem Sócio-Histórica tem como noção básica a historicidade que, de acordo com Gonçalves (2009):

(...) significa ter como ponto de partida a concepção de que todos os fenômenos humanos são produzidos no processo histórico de constituição da vida social. (...) Sujeito e objeto transformam-se em um processo histórico em que o sujeito atua sobre o objeto e é transformado nesse processo. (p.138)

Assim, pressupõe-se que o indivíduo esteja inserido em um momento histórico, econômico e social que traz experiências e possibilidades distintas para sujeitos em diferentes classes sociais, e constitui, assim, diferentes subjetividades. Construídas a partir da inserção em um meio histórico específico e da participação ativa do sujeito neste meio, a subjetividade se coloca, concomitantemente, enquanto consequência e condição destas experiências.

A dimensão subjetiva da realidade é a percepção de que a subjetividade é individual, mas construída socialmente, ou seja, “estabelece a síntese entre as condições materiais e a interpretação subjetiva dada a elas” (GONÇALVES, 2009, p. 143). Esta abordagem se coloca de modo a superar as visões dicotômicas da psicologia, que diferenciam e intercalam, por exemplo, o interno/externo, psíquico/orgânico, natural/social, entre outros, abandonando a visão abstrata do fenômeno psicológico (BOCK, 2001).

A psicologia sócio-histórica está fundamentada no marxismo e no materialismo histórico e dialético. Este é definido por Gonçalves (2001):

O conjunto de ideias produzidas pelo homem inclui crenças, valores e conhecimentos de toda ordem (...) este referencial é o materialismo histórico e dialético. (...) O pressuposto é que a origem das ideias produzidas socialmente está na base material da sociedade. (p.39)

Ao conceber o homem como ativo, social e histórico, torna-lhe sujeito da produção de sua vida material por meio do trabalho. Falar de fenômeno psicológico é, portanto, falar de sociedade em relação dialética com a experiência subjetiva do indivíduo, que possui a experiência social e cultural como constitutiva (BOCK, 2001).

Para Bock (2001), com a revolução burguesa, advém o liberalismo como ideologia¹ fundamental, introduzindo a noção de indivíduo como ser produtor e consumidor, diante da necessidade da produção de mercadorias (GONÇALVES, 2001) e frente à possibilidade de escolher dentre várias opções e diferentemente dos outros. Conta-se, aqui, com os pressupostos de igualdade universal, fraternidade e liberdade, direito à propriedade e à segurança.

Introduz-se então a ideia de mérito individual, essencial para o desenvolvimento e consolidação do capitalismo. Ao individualizar o homem este se torna o responsável único por seu destino, que, partindo-se do pressuposto de igualdade universal, está baseado apenas em seu mérito pessoal. A meritocracia, entretanto, cria a ilusão de que os privilégios modernos são justos, por meio do esquecimento do social no individual (SOUZA, 2009).

Baseada nesta noção de eu individualizado, dono de um mundo privado e “interno”, surge a demanda pela Psicologia como método de estudo e comprovação do fenômeno individual, que acaba também por contribuir para a naturalização do chamado “desenvolvimento normal” com base no modelo de saúde e desenvolvimento da classe dominante (sem considerar o contexto histórico e social que propiciaria este desenvolvimento possível).

Para analisar as experiências de gravidez na adolescência, é preciso, assim, considerar a historicidade no processo de constituição da subjetividade da jovem em conjunto com a consideração de seu papel ativo frente ao fenômeno, como sujeito, e as condições que possibilitariam ou não o desenvolvimento para novas transformações.

O presente estudo está organizado da seguinte maneira:

O capítulo 1.1 trará concepções acerca da adolescência.

No capítulo 1.2, abordarei a sexualidade do adolescente, considerando a iniciação sexual e sua correlação com o aumento de casos de gestações na

¹ Citada por Bock (2001, p.24), Chauí (1981) define ideologia como “criação de universais abstratos, isto é, a transformação das ideias particulares da classe dominante em ideias universais de todos e para todos os membros da sociedade. Essa universalidade das ideias é abstrata porque não corresponde a nada real e concreto, visto que no real existem concretamente classes particulares e não a universalidade humana. As ideias da ideologia são, pois, universais abstratos”.

juventude e a regulação da fertilidade, assim como o acesso à informação acerca dos métodos contraceptivos.

No capítulo 1.3, abordarei a gravidez na adolescência, desde sua descoberta até as suas implicações, em uma realidade como a brasileira.

No capítulo 1.4, será investigado o papel da mídia adolescente e sua influência.

O Método a ser utilizado será explicitado no Capítulo 2.

Apresentarei os resultados obtidos no Capítulo 3 que, no Capítulo 4, serão analisados e discutidos. Será realizada a análise de 6 (seis) artigos selecionados em revistas para o público adolescente de grande tiragem acerca da temática da sexualidade e gravidez na adolescência.

O Capítulo 5, finalmente, trará as Considerações finais.

1.1 Adolescência

A respeito da adolescência, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) diz que:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Já a Organização Mundial de Saúde considera este período como o segundo decênio da vida, dos 10 aos 19 anos de vida, em que ocorrem as mudanças corporais da puberdade, a maturidade sexual e psicológica, visto que o sujeito passaria de total dependência dos pais à parcial dependência (SANTINI DE ALMEIDA, 2002).

A pesquisa a seguir possui enquanto faixa etária a mesma definida pela OMS, para objetivos de delimitação. Entretanto, em concordância com León (2005), é importante considerar que a juventude se manifesta em diferentes momentos de acordo com o ambiente social e o momento histórico, tornando inviável o estabelecimento de uma faixa etária universal.

Ou seja, para Kahhale (2003) a vivência da adolescência se dará apenas quando as condições sociais para esta estiverem colocadas, tornando possível que a experiência desta nem se manifeste por ser um fenômeno típico das classes altas que expõem, por meio das diferentes mídias, um modelo de adolescência dominante.

Em relação às vivências relacionadas à adolescência, estas seriam marcadas por profundas crises e modificações, por inquietação, ansiedade e medo frente ao desconhecido mundo adulto (MOREIRA, 2008), que exige dos jovens novas cobranças e responsabilidades.

Na análise de Bock (2007), por meio da reflexão sobre as concepções da adolescência em livros destinados a pais e educadores, o discurso usual coloca a adolescência como uma fase marcada por oposição, insegurança e baixa autoestima, falta de controle, agressividade, intensidade e indecisão, entre outras características - sempre aconselhando os cuidadores a tolerar e compreender já que os jovens ainda não seriam maduros, enquanto mantém suas posições de autoridade.

Para a autora, é comum que a adolescência seja vista como um processo inerente ao sujeito, em uma perspectiva naturalizadora:

Inerente ao desenvolvimento humano, a adolescência não só foi naturalizada, mas também percebida como uma fase difícil, uma fase do desenvolvimento, semi-patológica, que se apresenta carregada de conflitos “naturais”. (p. 64)

Esta posição cria a necessidade de buscar novas perspectivas relacionadas à adolescência que não a naturalizem como um período de crises marcado pela maturação físico-emocional inerente ao processo de desenvolvimento humano. Citado por Bock (2007, p.66), Santos (1996)² também ressalta que este adolescente precisa ser, para atender a estes padrões de desenvolvimento, “(...) um homem-branco-burguês-racional-ocidental, oriundo em geral da Europa ou dos Estados Unidos”.

Atenta, aqui, para um padrão cultural ocidental, que naturaliza a perspectiva da adolescência sem levar em conta a cor, origem e classe social, história familiar, relações de gênero e os diversos fatores que influenciam na vivência do jovem, que fornecem, de acordo com Heilborn (1999), o direcionamento para a construção da subjetividade.

Mesmo dentro de uma só cultura, é preciso considerar diferentes representações sociais, opressões e privilégios para entender as marcas sociais que determinam as possibilidades dos indivíduos se desenvolverem. Como evidencia Kahhale (2003), nas camadas mais altas, este período é experienciado como um momento de experimentações sem grandes consequências emocionais e socioeconômicas, enquanto nas classes mais baixas o mesmo não se dá pela necessidade da entrada no mercado de trabalho.

Bock demonstra, assim, a necessidade de uma análise da adolescência sob uma nova perspectiva, a sócio-histórica, que entende o desenvolvimento do homem a partir de suas relações sociais e sua inserção na cultura:

A concepção sócio-histórica se contrapõe à concepção de base liberal, na qual o homem é concebido a partir da ideia de natureza humana. Seria possuidor de uma natureza que permite com seu desenvolvimento que se torne homem, tal qual o conhecemos (...) o Homem é visto como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento e ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade. (p. 67)

² SANTOS, B. R. *A emergência da concepção moderna da infância e adolescência: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias*. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Considerando, portanto, o homem como ser histórico, infere-se que este terá sua subjetividade constituída por esta condição, pois está no mundo em relação dialética, constituindo-o e sendo constituído por ele constantemente.

O mundo psicológico não estaria excluído desta condição, encontrando-se em relação também dialética com o mundo social:

Conhecer o fenômeno psicológico significa conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo; um fenômeno que se constitui em um processo de conversão do social em individual; de construção interna dos elementos e atividades do mundo externo. (p. 67)

Deste modo, o “psicológico” se daria por meio do reflexo das experiências que o sujeito vivencia em seu ambiente sociocultural, construindo sua subjetividade a partir dele. De acordo com Aguiar (2009):

Enquanto atua sobre o mundo, modifica não apenas a realidade externa como também constrói sua própria realidade psíquica. (...) o ser humano objetiva sua subjetividade, ao mesmo tempo em que torna subjetiva a realidade objetiva. (p. 57)

A Psicologia sócio-histórica desnaturaliza seu objeto a partir da consideração da historicidade. Esta considera que o objeto é naturalizado tanto pela Psicologia subjetivista, que pretende resgatar uma individualidade autônoma e descolada da perspectiva objetiva, quanto pela Psicologia objetivista que, por meio de leis mecânicas, tomam o indivíduo como formatado por um modelo pré-determinado de sociedade.

Perde-se, assim, a perspectiva histórica no desenrolar de seu desenvolvimento e o reconhecimento do papel ativo do sujeito no decorrer dos processos (KAHHALE, 2009).

A adolescência é vista, na perspectiva da autora, como uma construção social com repercussões no mundo subjetivo e social do ser humano, negando que apenas a presença de mudanças físicas decorrentes da puberdade constituiria esta fase como natural do desenvolvimento (inclusive porque estas são significadas socialmente).

Este período teria surgido, portanto, como um *gap* para a escolha profissional:

A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico. (p. 68)

Em contraposição às teorias que consideram o processo como quase “patológico”, o estudo propõe uma visão diferenciada, onde não haveria nada de patológico ali, e sim o fruto de uma construção social e histórica que pode deixar de existir ou não - além de se dar de diversas formas em diversas culturas - com diversas formas de expressão criativas e projetos de futuro (BOCK, 2007).

A adolescência é, portanto, um fenômeno social construído com base em um contexto histórico e econômico que possui necessidades específicas, muito além das marcas do desenvolvimento biológico que acompanham o período (MELSERT, 2013). A experiência da juventude, de acordo com a autora, é significada de modos diversos de acordo com as vivências, criando a necessidade de uma análise amplificada que leve em consideração as diferentes condições socioeconômicas que constituem diferentes experiências subjetivas e o papel ativo do jovem frente a estas experiências.

1.2 Sexualidade

A sexualidade se constitui como um processo simbólico e histórico que, por meio da atualização social do sexo biológico “expressa a constituição da identidade do sujeito, como ele vive a questão da intimidade; da significação, das normas, da moral e da ética grupal” (KAHHALE, 2001, p.179).

Heilborn (1999), ao estudar a sexualidade pelo olhar das ciências sociais, relata que a importância desta é diferente para os sujeitos, dependente de um processo de socialização baseado na cultura e nas relações sociais nas quais se insere, que esculpem desejos e maneiras de viver a sexualidade:

A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio das redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. (p.40)

Para iniciar a reflexão sobre a sexualidade na adolescência, é necessária a diferenciação entre sexo e gênero. O sexo seria determinado genética ou biologicamente, enquanto o gênero se expressaria de maneira sócio-histórica, a depender do ambiente em que o indivíduo está inserido (KAHHALE, 2001) e dos processos de socialização.

É uma categoria relacional, que identifica relações de poder entre os homens, entre as mulheres e entre homens e mulheres. Como será apontado a seguir, as desigualdades de gênero articulam-se a outras desigualdades, como a de classe social, de raça, etnia, idade, religião, entre outras, revelando uma interseccionalidade: por meio de práticas e discursos ocorre a transformação de diferenças em desigualdades, que dão prestígio a alguns em detrimento de outros, vistos como inferiores, de maneira a justificar e sustentar relações de dominação.

O conceito de gênero permite uma visão mais abrangente da sexualidade, não limitada apenas a determinações biológicas, mas permitindo superação de concepções estigmatizadoras que caracterizam tantas vezes a discussão relacionada à sexualidade (KAHHALE, 2001).

A ocorrência da menarca está ligada a uma sensualização do corpo e ao maior controle por parte dos pais acerca da sexualidade das adolescentes, além de ter correlação com a idade de iniciação sexual. Procura-se disciplinar a sexualidade por meio de modificações nos discursos que podem ser repressivos, informativos ou mesmo silenciadores (DESSER, 1993). Segundo Heilborn (2006), o aprendizado da

sexualidade está inserido em diferentes cenários, em que há uma diferença distinta na socialização dos gêneros e papéis destes relacionados à questão:

Na sociedade brasileira, existe uma forte codificação das relações de gênero no âmbito da sexualidade. A sociabilidade sexual dos jovens obedece a uma marcada divisão dos papéis dos homens e das mulheres. (p. 2)

Assim, as experiências sexuais de homens e mulheres só podem ser observadas a partir das diferentes perspectivas que instituem papéis para o feminino e o masculino em diferentes culturas (BRANDÃO, 2006). A sexualidade é algo que exige aprendizagem de como relacionar-se consigo mesmo, com o parceiro e as expectativas relacionadas ao gênero, ligadas a diferentes sentimentos de constrangimento para homens e mulheres (KNAUTH, 2006). Poderiam ser exemplos destes constrangimentos, respectivamente, a disfunção erétil e a falta de prazer na relação, idealizada diferentemente para gêneros provenientes de diferentes socializações.

Além dos papéis femininos e masculinos construídos acerca da sexualidade, é preciso considerar a questão socioeconômica e de raça na socialização dos jovens, enquanto cortes que propiciam diferentes vivências, inclusive da sexualidade.

Para analisar o critério socioeconômico, Silva, Torres e Berg (2009) discorrem sobre o amor da mulher pobre, que se inicia no sonho do amor romântico negado pelo desconhecimento do afeto masculino, escravizadas em um “jogo ininterrupto de sedução e conquista do qual jamais deixam de ser objetos” (p.145). Este abandono afetivo se alia ao abandono material vivenciado por estas mulheres, que experienciam a dominação masculina de maneira condensada como produto da ressignificação da dominação de gênero pela dominação de classe.

Deste modo, estas jovens se encontram inseridas em uma realidade cuja única de possibilidade de reconhecimento afetivo viria de seus corpos hipersexualizados que buscam incessantemente o adiamento do prazer como moeda de troca, para manutenção de seu “valor” e da companhia masculina.

Santos (2003), por sua vez, analisa a questão racial ao reportar que a cultura sexual-racial brasileira enfatiza a hipersexualização da mulher negra e a virilidade do homem negro, exercendo grande influência acerca da vivência da sexualidade do jovem negro e suas relações afetivas.

A mesma autora, ao realizar um estudo acerca da escolha dos parceiros sexuais em adolescentes negros, relatou uma convivência de valores mais tradicionais e mais modernos dentre esta população, a depender do ambiente em que estavam inseridos. Os valores mais tradicionais que denotam uma maior hierarquia de gênero estavam mais presentes em jovens que conviviam em regiões com altas concentrações de negros, enquanto os valores mais modernos se encontravam mais presentes em regiões com baixa concentração de negros.

Para esta pesquisa (SANTOS, 2003) foi-se utilizado o critério espacial, que se articula com o critério racial e socioeconômico, mostrando que as regiões periféricas, de baixo nível socioeconômico e maior dificuldade no acesso aos bens e informações, possuem maiores concentrações dos jovens negros. Nas regiões mais centrais, que apresentam os valores mais modernos e melhor acesso à informação, à escola e ao debate, há uma menor concentração de jovens negros.

Santos (2003) discorre sobre estas diferenças contextualizando-as desde o passado escravocrata, onde a mulher negra possuía uma vivência sexual objetificada com o senhor de escravos, até a atração e escolha pelo parceiro sexual, que hipersexualiza a jovem negra e mantém as relações nos limites físicos, enquanto vê a jovem branca como angelical e pura, “digna” de relacionar-se.

É possível perceber, acima, a questão da exclusão racial e as diferenças no acesso à informação e serviços existentes nas diferentes áreas da cidade – no caso, São Paulo –, inserindo as questões de raça e classe econômica em uma perspectiva histórica, que denota a condensação das opressões e se reflete, certamente, também na experiência da sexualidade.

Após considerar estes recortes, Heilborn (2006), ao analisar populações de diferentes cidades brasileiras, percebe que o namoro está associado à iniciação sexual genital feminina, que já havia sido experimentada muito antes desta, por meio de carícias e toques mais íntimos. A vivência da sexualidade aparece também como um rito de passagem para a vida adulta e como forma de autonomia em relação aos pais, apesar de muitas vezes o rito de passagem não constituir uma independência social e financeira (BRANDÃO, 2006):

Os relacionamentos juvenis guardam uma esfera própria de autonomia do casal, mas também se constituem em estreita interdependência com os ditames parentais de ambos os jovens. (p. 1423)

A sexualidade se coloca como um território íntimo que permite ao adolescente a exploração de sua identidade de gênero por meio do contato com o (a) parceiro (a), a construção de um vínculo afetivo-sexual e uma forte via de individualização juvenil (BRANDÃO, 2006).

A imagem dominante hoje, passada pela mídia, é que os jovens levariam uma vida sexual volúvel, casual e irresponsável, sendo incapazes de gerir a sexualidade de forma afetiva e saudável (KNAUTH, 2006). O adolescente é, aqui, destituído de seu lugar de sujeito ativo e definido pela conduta esperada nesta “fase do desenvolvimento”, onde tomaria condutas impulsivas e irresponsáveis, passivo de seu comportamento naturalizado.

Paiva (1996)³, citada por Kahhale (2001, p.185) considera que:

No Brasil, espera-se que a sexualidade apareça naturalmente na adolescência e é amplamente aceitável que jovens sejam sexuados. Mas essa sexualidade deve ser diferenciada por gêneros e se estabelecer na adolescência como uma sexualidade heterossexual e não reprodutiva. (p.214)

Andrade (2004) observa esta estigmatização acerca da sexualidade exercida por meio de uma concepção da homossexualidade como um “desvio” à sexualidade dominante: casamento heterossexual e monogâmico. As mulheres seriam as principais responsáveis pela manutenção deste padrão sexual, sempre atentando à posição intermediária entre virgens e “putas”.

Em adição a esta imagem do adolescente, Desser (1993), ao analisar a sexualidade, gravidez e maternidade de adolescentes inseridas em diferentes camadas econômicas, percebe que a adolescência feminina e o exercício de sua sexualidade só podem se concretizar nas camadas média e alta, onde alguns direitos já estão assegurados por valores mais modernos. Enquanto estas jovens têm como ideal tornarem-se mulheres autônomas, independentes e profissionais de sucesso, para aquelas das camadas baixas da população o ideal é tornarem-se mães de família, sendo a adolescência apenas um compasso de espera. Desta forma, uma gravidez indesejada truncaria os planos das primeiras, enquanto atualizaria os das últimas.

Segundo a autora, há um processo de normatização da sexualidade da adolescente por meio da construção da inocência e da desapropriação da

³ PAIVA, V. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Orgs.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1996.

responsabilidade pela própria sexualidade, o que as torna vulneráveis às doenças, morte e gravidez indesejada. Às vezes um aborto as leva a um processo reflexivo que favorece uma apropriação, embora isto não seja a regra.

Os valores modernos conquistados pelo movimento feminista, como a liberdade sexual, também possuem um recorte de classe. Para Silva, Torres e Berg (2009), o “sexo livre” na “ralé estrutural” não significa uma conquista e sim uma degradação ainda maior:

Quando elas cedem aos apelos da moda para liberar o sexo, como se fossem de fato livre para isso, desmonta-se todo o “regime de escassez” capaz de lhes dar uma segurança mínima na relação com os homens. (p.165)

De acordo com as mesmas autoras, a liberação sexual só favorece uma reciprocidade afetiva entre homem e mulher quando a socialização feminina transmitida pelas famílias “trouxe como herança a experiência e a certeza de uma oferta afetiva sem independente de favores sexuais” (p.165).

Voltamos aos valores acerca da sexualidade transmitidos pelas famílias em meio à conquista insegura da afetividade masculina mantida pelo corpo sexualizado, em um jogo de sedução que posterga ao máximo a realização do desejo sexual. As mães transmitem o comportamento estereotipado de feminilidade durante toda a socialização feminina, por ser a forma de manter a atenção dos homens (SILVA, TORRES e BERG, 2009).

Aqui entra-se na questão da “transmissão cultural” como referida por Desser (1996), ao perceber os diferentes significados e desfechos que a adolescência feminina adquire em diferentes configurações familiares, tornando a sexualidade e mesmo a gravidez na adolescência desde rotineiras a grandes tabus, em especial quando se trata de abortamento.

Souza (2009) também aborda a temática da transmissão cultural familiar que encontra similaridades dentro de um mesmo estrato social, na transmissão de valores e visões de mundo. Em sua análise, percebe que as famílias da classe média transmitem valores de autocontrole e autodisciplina – o que inclui os comportamentos sexuais “precoces” – além de instituírem a chamada autoconfiança, ou seja, a certeza do valor próprio dos sujeitos.

Considera que este tipo de aprendizado não seja universal e exemplifica em se utilizando das classes mais baixas, onde os valores de escolarização, por muitas

vezes não terem sido efetivamente vivenciados, se dão “da boca para fora”, e o mesmo pode ser sugerido em relação à contracepção e à vivência da sexualidade de maneira responsável e ativa.

1.2.1 Iniciação sexual do (a) adolescente

Diante da sociedade brasileira que ainda se pauta pela transmissão de valores conservadores, em especial nas classes mais baixas, onde a vivência da sexualidade nos modelos conquistados pelo movimento feminista não se institui da mesma maneira. Assim, é importante considerar como se dá a iniciação sexual das jovens, diante de uma perspectiva do senso comum que considera a sexualidade irresponsável, como observado no capítulo anterior.

Na pesquisa de Desser (1993) é possível perceber uma ambivalência acerca da iniciação sexual da adolescente, vista ao mesmo tempo como um “problema” e como “normal”. Se por um lado há uma sexualização da jovem, vista como objeto sexual, ela deve ter sua sexualidade controlada. Isto ao lado de múltiplas oportunidades de para situações de intimidade, como viagens, estar em casa sozinha, baladas, etc.

Estas posições se dariam de modo a justificar a postura ainda conservadora de manutenção da virgindade e ocultamento acerca da vivência sexual, em conjunto com o estranhamento da virgindade após certa idade - ou mesmo no casamento - onde a perda desta seria vista como normal. Mesmo a integridade do hímen não sendo mais um valor para a maioria da população, há vários instrumentos de controle da sexualidade feminina adolescente como a culpa, a construção da inocência e da pureza e a não premeditação da relação sexual.

Lima (2013), na tentativa de conhecer a atitude de adolescentes frente à sexualidade, realizou um estudo com 499 jovens do primeiro ano do Ensino Médio em Cuiabá e pôde observar que a grande parte das meninas não havia iniciado sua vida sexual em contraposição a mais da metade dos meninos que já havia, o que nos remete à influência cultural e de gênero que circunda a temática, criando um tabu acerca da perda da virgindade e o exercício ativo da sexualidade.

A questão da sexualidade é tratada no homem como natural e impulsiva, já que este a pode exercer livremente (REIS, 2011), enquanto se exige da mulher um controle em relação à iniciação sexual e direcionamento do ato para parceiros (as) com quem tenham intimidade e relações afetivo/amorosas. É possível reafirmar a contemporaneidade deste controle por meio da pesquisa de Bretas (2011) que revelou que, enquanto 70% dos adolescentes homens iniciavam suas relações sexuais com amigas (os), quase 80% das mulheres se tornavam sexualmente ativas com namorados.

No discurso das adolescentes na pesquisa de Heilborn (1999), é como se o amor validasse o sexo e a iniciação sexual fosse boa porque haveria afetividade, enquanto a transa sem envolvimento afetivo aparece como vazia e para satisfazer necessidades. A satisfação apenas das necessidades não se constituiria como positiva ou mesmo válida, visto que na transmissão cultural a iniciação sexual e o exercício da sexualidade da mulher precisam estar relacionados à afetividade que os justifique, criando um novo mecanismo de controle do prazer feminino que, desta vez, não exige a virgindade mas pede para que a perda desta esteja relacionada ao amor romântico e o envolvimento monogâmico.

Frente a isto, é possível compreender o porque de, na pesquisa de Bretas (2011), mais de 90% dos adolescentes homens iniciarem sua vida sexual aos 14 anos ou menos, enquanto o mesmo acontece com 60% das meninas (33% entre 15 e 16 anos): a necessidade do envolvimento relacional para a “perda” da virgindade adia o início da vida sexual.

Bretas (2011) pôde observar também, que 91% do público adolescente feminino considerava a virgindade importante, enquanto apenas 66% dos homens pensava o mesmo - cria também uma hipótese de que esta valorização da iniciação sexual estaria relacionada à parceira e não ao masculino. A “perda” da virgindade constituiria uma perda de valor matrimonial e categorização moral negativa (HEILBORN, 1999), ainda pautada em valores bastante patriarcais e religiosos, em grande parte relacionados apenas ao feminino.

Esta perda de valor também se encontra presente na pesquisa de Silva, Torres e Berg (2009), onde a “virtude” é o único bem que possui a jovem pobre, que precisa lutar para mantê-la. A jovem que exerce sua sexualidade teme ter sido “muito fácil” ou não ter se “dado ao respeito”, muitas vezes com um forte sentimento de culpa.

A iniciação sexual aparece, assim, permeada por uma expectativa de afetividade e aceitação independente do prazer, vindo também acompanhada de culpa: seja ela pela perda da virgindade ou pelas asserções morais acerca da vivência prazerosa da vida sexual feminina - a mulher ainda é alguém que “concede” sexo e não sujeito de sua própria sexualidade, enquanto o homem sofre uma coerção construída para “fazer o trabalho” e “dar conta do recado”. Esta visão é mantida e naturalizada pela crescente exposição à mídia, que explora

excessivamente a temática da sexualidade e define papéis de gênero desiguais na questão (BRANDÃO, 2006; DESSER, 1993).

É preciso considerar o fator econômico ligado ao gênero feminino, como considera Souza (2009): mulheres de classes sociais menos privilegiadas são estimuladas a iniciar sua vida sexual de maneira prematura, tornando-se facilmente instrumentalizadas sexualmente. Como discorremos anteriormente com Santos (2006), a classe social mais baixa está muitas vezes ligada à questão negra, onde a mulher brasileira, desde seu passado escravocrata, teve seu papel de sujeito da sexualidade destituído de si para tornar-se objeto da sexualidade dos senhores de escravos.

Considerando-se que estas mulheres sempre estiveram destituídas de sua possibilidade de colocar-se enquanto sujeito, em especial sexual, se torna improvável imaginar que a autoconfiança destas lhes permitiria um papel ativo na participação sexual e na escolha de como esta participação se daria. O mesmo pode ser encontrado na pesquisa de Desser (1993) que, em sua análise, observou que o papel da mulher adolescente frente à sexualidade é de objeto e fonte desta, não sujeito.

Estas concepções acerca da manutenção da virgindade e do hímen íntegro como honra feminina têm se alterado rapidamente nas camadas sociais mais altas e se tornado mais normatizados, relativizando a culpa sentida pela perda da mesma, apesar de ainda inseridos em um meio bastante conservador neste aspecto. Deste modo, a virgindade anatômica perde sua importância na construção da pureza e dá espaço a discursos mais ligados à honestidade e inocência, ainda importantes no papel do feminino frente à sexualidade (DESSER, 1993). A perda da virgindade também aparece na pesquisa de Andrade (2004) como a devassidão em oposição à modéstia.

É interessante observar como, por diferentes meios, novos mecanismos de controle da sexualidade são impostos à mulher desde sua iniciação sexual, que mesmo mais “precoce” e de culpa relativizada pela perda anatômica do hímen, ainda precisa ser justificada e ligada a padrões de conduta, como a pureza e a inocência.

A iniciação sexual parece estar inversamente ligada à incidência de gravidez na adolescência, pois quanto menor a idade, maior é a incidência (TABORDA, 2014), justificando a importância do oferecimento de informações e recursos para a vivência responsável e ativa da sexualidade pelos jovens, em especial da mulher

que, frente à culpa pela iniciação sexual e a transmissão de valores conservadores, ainda é colocada enquanto objeto na relação sexual, e não como sujeito ativo na busca e vivência de seu prazer.

1.2.2 Acesso à informação e regulação da fertilidade

O planejamento familiar se constitui como um conjunto de ações que garante direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, homem ou casal (Lei nº 9.263, 1996). Apesar do planejamento se colocar como direito, o cenário brasileiro apresenta importantes dificuldades para a regulação da fertilidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009):

Os (as) adolescentes e os (as) jovens têm direito de ter acesso a informações e educação em saúde sexual e saúde reprodutiva e de ter acesso a meios e métodos que os auxiliem a evitar uma gravidez não planejada e a prevenir-se contra as doenças sexualmente transmissíveis/HIV/AIDS, respeitando-se a sua liberdade de escolha. (p.6)

Esta política de saúde surge frente ao aumento no crescimento demográfico e os problemas dele resultantes, como pobreza e falta de habitação, por exemplo. Cumpre, assim, um papel ideológico na tentativa de atender à necessidade do Estado na constituição familiar que lhe interessa (baseado em motivos socioeconômicos do grupo), exposto por Taquette (2008):

A solução que se apresenta nas políticas públicas de saúde e educação é a do planejamento familiar, com forte ênfase nos métodos contraceptivos. É como se disséssemos: adolescentes pobres e com pouca escolaridade não devem ter filhos. (p. 26)

Esta realidade se contrapõe à anticoncepção, que pressupõe uma desalienação, possibilitando, assim, o prazer sexual sem a busca pela procriação (KAHHALE, 2001) enquanto também oferece melhores condições de vida e a possibilidade de escolha do momento para ter filhos (TAQUETTE, 2008). Para a viabilidade da anticoncepção, a vivência da sexualidade deve estar dissociada das expectativas de gênero ligadas à procriação, oferecendo real liberdade de escolha da jovem para a vivência do prazer sexual e escolha de projetos de futuro, que não necessariamente incluam a maternidade em sua trajetória.

No Brasil a prática do aborto é ilícita, o acesso aos métodos contraceptivos e aos serviços de saúde se mostram insuficientes, além de persistirem importantes diferenças de gênero, dificultando o acesso a recursos que permitam ao jovem tomar decisões de forma livre e responsável e iniciar sua vida sexual de forma saudável e prazerosa (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

As pesquisas mostram que a relação sexual desprotegida é, possivelmente, fruto da falha na educação sexual pela ausência de políticas neste sentido, da falta

de diálogo com os pais e entre parceiros (o que influencia positivamente no uso de preservativos), das dificuldades nos acessos aos métodos anticoncepcionais e no tipo de envolvimento relacional do casal, visto que em casais considerados estáveis o uso de preservativos cai consideravelmente (HEILBORN, 1999; TEIXEIRA, 2006). O uso do preservativo se encontra ainda muito associado à uma noção de risco, em especial no que se trata de parceiros desconhecidos (KNAUTH, 2006).

Fávero & Mello (1997) observaram, por meio da análise de adolescentes de classe média e baixa, um raciocínio do tipo “mágico”, característico desta população ao lado de um senso de onipotência, que crê na impossibilidade de acontecer com a pessoa em questão, resultando no não uso de métodos contraceptivos apesar do conhecimento destes e de seu funcionamento (tipo de raciocínio que considera cultural).

A grande mídia também se mostra como um fator informativo acerca da sexualidade (DESSER, 1993), apesar de ainda muito conservadora e pouco educativa, por abordar estes temas de maneira superficial, breve e naturalizadora das questões adolescentes, ignorando os recortes de classe social (GONÇALVES, 2003).

É possível observar a carência na discussão acerca da sexualidade por meio do estudo de Bretas (2011) em uma escola na região de Embu, em São Paulo, pôde-se observar as posições de pouco menos de 1000 adolescentes de ambos os sexos, frente à sexualidade. Dentre outros dados, cerca de 50% dos alunos (homens e mulheres) consideravam seu conhecimento acerca da sexualidade insuficiente, tanto na escola, em casa e por interesse próprio, apesar de ser tema de pesquisa e busca de informações.

O diálogo relacionado à sexualidade, de acordo com Lima (2013), se daria em sua maioria entre amigos, ou não se daria com ninguém. No caso das adolescentes, é alto também o índice de diálogo com a mãe, o que não se repete no caso dos adolescentes homens nesta pesquisa - entretanto, é bastante significativo o diálogo mãe-filho na pesquisa de Aquino (2006).

Esta procura da mãe, no caso das jovens, poderia estar relacionada ao acolhimento oferecido pela figura feminina, que tende a oferecer uma expectativa de gênero menos rígida que a do pai, por exemplo, em relação à iniciação sexual e ao exercício ativo da sexualidade. Há também, no imaginário dos pais, um medo frequente de que o fornecimento de informações acerca da sexualidade e prevenção

influencie o início precoce da vida sexual, ainda cercada de tabus e não-ditos. Muitos pais também, ao não saberem lidar com sua própria sexualidade, falham em informar aos filhos acerca dela (AQUINO, 2006).

O diálogo entre parceiros, em especial anterior à primeira relação sexual, infere um preparo e demonstração de “experiência” por parte das mulheres, que ainda induz dúvidas sobre sua moralidade - é, assim, muito improvável que esta primeira relação seja planejada, tornando ainda mais comum o “ceder” da mulher em uma relação desprotegida (HEILBORN, 2006) - sendo a transa vista como inevitável no decorrer do relacionamento afetivo (idem, 1999). A mulher “demite-se”, assim, do papel de sujeito da sua sexualidade, reduzindo-se à sexualidade dos parceiros (DESSER, 1993).

A análise realizada por Teixeira (2006) com base no material coletado para a pesquisa GRAVAD⁴, mostra que a contracepção sexual é mais internalizada nas mulheres, colocando no feminino a responsabilidade pela proteção e requerendo habilidades de negociação para o uso de preservativos, o que concorda com o reportado por Pilecco, Knauth e Vigo (2006), em que muitas das relações desprotegidas são marcadas pela coerção sexual, em sua maioria por parceiros íntimos. Na pesquisa de Borges (2007), 8% das adolescentes iniciaram sua vida sexual porque se sentiram pressionadas pelos parceiros, remontando à “demissão” feminina acerca do papel de sujeito da sexualidade.

Na pesquisa de Desser (1993), as adolescentes relatam que a gravidez ocorreu por acidente, por falha no uso da contracepção apesar de muitas delas possuírem conhecimento acerca desta. Esta responsabilização feminina pela anticoncepção retorna à questão ideológica de que a maior parte dos métodos contraceptivos estão voltados à mulher, exemplificando mais uma vez a relação de desigualdade homem-mulher (KAHHALE, 2001), e mesmo quando voltados aos homens, como o preservativo masculino, o uso deste acaba por se caracterizar após negociação.

Dentre as justificativas para o não uso da camisinha estão o esquecimento, os custos e a diminuição de prazer na relação sexual. Assim, é importante que o estímulo para o uso inclua o erotismo e praticidade, não apenas o medo de uma possível gestação e/ou a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis (LIMA,

⁴ Pesquisa GRAVAD: Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil

2013). Há também hipóteses de que, mesmo quando a jovem conhece o método da pílula anticoncepcional, há uma recusa em utilizá-lo, com medo de que isto venha a ser algo que denuncie sua vida sexual ativa (MOTA, 2012) e haja uma premeditação da relação sexual denunciada pelo planejamento do preservativo (DESSER, 1993). Pode-se perceber aqui, novamente, a diferença de gênero construída socialmente, tornando a vida sexual feminina um não-dito, recatada e (aparentemente) inexistente.

É reforçado por Heilborn (2006) que, quanto maior o grau de escolaridade dos jovens, maior a proporção do uso de preservativo nas relações e menor a incidência de gravidez na adolescência. Não é uma situação exclusiva deste grupo, apenas se coloca em menor número nas camadas mais altas. A iniciação sexual também se dá mais cedo nas camadas sociais mais baixas e empobrecidas (BORGES, 2007).

A utilização do método contraceptivo por meio da negociação feminina, pela responsabilidade estar voltada para este gênero, cria um lugar ambíguo na relação sexual para a mulher, que não deve demonstrar intencionalidade sexual em suas ações ou oferecer o preservativo - ao mesmo tempo em que a transa aparece como "inevitável" no decorrer do relacionamento afetivo - mas tem como papel a negociação do uso do preservativo, sendo responsável pela contracepção do casal. Desta maneira a jovem deve, idealmente, transitar por um papel ativo dissimulado, que se responsabiliza pela contracepção e pelas consequências do "ceder" à relação desprotegida, enquanto aparenta uma inocência e distanciamento do sexo intencional.

Ao retirar a análise da sexualidade do âmbito individual para colocá-la em sua vivência no âmbito sociocultural, permite-se uma análise crítica e a desconstrução da "naturalidade" desta, tornando possível a percepção de uma sexualidade a partir da história da vida do jovem e a interação desta com a história de seu grupo social (KAHHALE, 2001). Desta maneira, é possível inseri-la em um contexto social e cultural que apresenta expectativas específicas em relação ao gênero e, enquanto ambíguas, sempre abrem espaço para a opressão, condensada pelos recortes econômicos e de raça, que trazem novos tipos de desafios para o exercício da sexualidade ativa, livre e responsável pela jovem.

1.3 Gravidez na adolescência

Até a década de 1940, era “natural” e esperado que as adolescentes ficassem grávidas, pelo fato do envolvimento matrimonial acontecer poucos anos após a menarca (KAHHALE, 2003). Entretanto, no atual movimento histórico, social e tecnológico, a gravidez na adolescência tem sido apontada como um “problema social” nas áreas de saúde, educação e econômica, devido ao fato de que, após os anos 90, pôde-se observar uma queda acentuada na taxa de fertilidade em geral, em contraponto com um aumento da taxa de fertilidade entre os 15 aos 19 anos - inicialmente nos países mais desenvolvidos, seguidos pouco tempo depois pelos países em desenvolvimento (SILVA, 2002).

A historicidade pode ser observada neste movimento, onde a realidade se encontra em constante mudança, possui um passado histórico, um presente e um movimento em determinada direção para transformação dos fenômenos (Aguiar & Ozella, 2013).

O desenvolvimento deste conceito de “problema social” está relacionado às mudanças do papel da mulher na sociedade brasileira e a inclusão no mercado de trabalho que criaram novas expectativas para as jovens em relação à escolarização e profissionalização, onde uma gestação aparece como um impedimento aos planos criados - em especial nas classes médias (BRANDÃO, 2006) - e um acontecimento perturbador no desenvolvimento ideal desta fase (HEILBORN, 2006), ao comprometer (KAHHALE, 2003):

A inserção social do adolescente, bem como a qualidade de vida do binômio mãe x filho e as condições de nascimento e de vida futura dos recém-nascidos. (p.95)

É importante considerar também que, na ocorrência da gestação em famílias e ambientes onde a maternidade na adolescência é comum, esta é vista como “normal” e tem menor chance de ter o abortamento como desfecho (DESSER, 1993). Diante de um diferente tipo de expectativa de futuro para as jovens, que provavelmente não experienciam as mesmas oportunidades de escolarização e profissionalização que as jovens de classes mais altas, além da questão da transmissão cultural familiar já abordada por Santos (2003) no capítulo 1.2 Sexualidade.

Heilborn (2006), na análise do discurso médico, psicológico e das agências de pesquisa e organismos internacionais, critica a posição moral e de julgamento,

sempre classificando a gestação adolescente como indesejável no desenvolvimento biológico - ainda que diversas análises o tomem os riscos como dependentes de uma inserção social e econômica - e psíquico além de um problema de ordem social, que reforça a pobreza e marginalidade. Além de ignorar o contexto social, as análises muitas vezes não levam em consideração também o parceiro sexual, tornando a questão da gravidez como exclusiva da adolescente (TAQUETTE, 2008).

Diversas questões estão implicadas na decisão de manter ou não uma gravidez, que envolvem desde o significado de uma criança nesta sociedade, os significados atribuídos à sexualidade genital e intimidade assumidos pelo grupo social, até se existe um casal ou a decisão é tomada individualmente (KAHHALE, 2001).

É preciso desnaturalizar o “amor materno” enquanto instintual e parte do desejo inato da mulher, inserindo-o em um contexto histórico que, por interesses econômicos e sociais, na necessidade de diminuir a mortalidade infantil, reinsere a mulher na lógica privada enquanto responsável pelo cuidado dos filhos. Rousseau, com a publicação de Emílio em 1762, foi o responsável pelo alastramento da importância da noção de infância e a centralização da criança no núcleo familiar, dando o pontapé inicial para a criação da família moderna que possui, como fator aglutinador, o “amor materno” (BADINTER, 1985), inaugurando o que deu lugar à luta pela infância.

Este pensamento está apoiado na etologia que procura, ao lembrá-las da ligação entre estas e outras mamíferas, recordar que as mulheres são dotadas de substâncias neuroquímicas e deveriam, em circunstâncias normais, criar um laço instantâneo e espontâneo entre mãe e bebê, sustentado pela proximidade física e afetiva que esta deveria manter com sua (seu) filha (o) (BADINTER, 2011). Quando esta ligação afetiva não ocorre, torna-se mais interessante justificá-la por meio de um desvio do que legitimá-la, o que colocaria em risco os interesses econômicos e sociais mantidos pela noção de “instinto” e “essência” materna.

Desta maneira, criam-se práticas institucionalizadas, baseadas nestas teorias e rapidamente adotadas pelas pesquisas científicas e hospitais, como a noção de “período sensível para a vinculação materna” (BADINTER, 2011, p.61) e a noção social ideológica e naturalizada de que esta vinculação faz parte da essência da mulher, devendo ser imediata, mesmo em casos não desejados, como podem estar presentes na gravidez adolescente.

Na pesquisa de Aquino (2003), do total de entrevistadas, 70,3% dos adolescentes não tinham planos de engravidar ou pensavam no assunto, 37,7% das quais não desejavam a gravidez; 85,6% dos homens não tinham planos e 42,1% não queriam a gravidez. Na mesma pesquisa, 15,3% das gestações resultaram em aborto provocado para as jovens, enquanto esta razão é de 41,3% para os homens em relação a suas parceiras.

A mesma autora, em 2006, chegou à conclusão de que os maiores valores percentuais de aborto eram quando, no casal, ambos eram adolescentes (32,1%) ou apenas o rapaz (39,1%). É sugerido, aqui, que a idade do homem é mais importante que a da mulher na decisão de levar uma gravidez a termo, perpetuando a imagem do pai provedor e mãe cuidadora, sem levar em conta o prejuízo à trajetória escolar e profissional feminina.

A perspectiva de tornar-se “mulher independente” por meio da educação formal e a inserção do mercado de trabalho se mostra presente em todas as classes sociais, entretanto, o acesso a esta perspectiva de futuro se dá de maneira praticamente garantida às classes médias e altas, enquanto para as classes mais baixas este projeto se dá com dificuldade, maiores quanto mais precárias forem as condições de vida (DESSER, 1993).

Devemos aqui desnaturalizar o conceito de indivíduo, visto que este se coloca como construção de um sistema capitalista que exige do homem que este ocupe os lugares sociais - na produção e no consumo - como ser individual. Este lugar carrega uma contradição, visto que a produção é dada como processo coletivo, mas sua inserção no lugar social do consumo exige que o indivíduo anule outros indivíduos ou seja massificado e torne-se indistinto deles (GONÇALVES, 2009).

O sistema tem o indivíduo como célula básica, onde este é fundamental de modo que trabalha e produz. A mudança do papel da mulher mencionada acima não retira o feminino das “obrigações do lar”, mas adiciona a este papel o de trabalhadora, produtora de riqueza e, conseqüentemente, valorizada como indivíduo na concorrência de mercado.

É importante ressaltar que, na atual pesquisa, não se pretende tornar a gravidez adolescente um problema naturalizado e sim distanciar-se desta visão ao analisar qualitativamente como se dá o discurso da mídia voltada para o público adolescente acerca da questão, considerando também que esta pode se colocar como um desejo da jovem e um projeto de futuro idealizado.

1.3.1 Contexto da gravidez na adolescência

No Brasil, de acordo com a pesquisa da United Nations Development Programme (2016), é possível observar uma taxa de 67 nascimentos a cada 1000 jovens entre 15 e 19 anos, uma taxa considerada alta em relação a outros países analisados. O índice se utiliza desta taxa como um dos métodos para verificação da taxa de desigualdade entre homens e mulheres em diferentes países, ao considerar o empoderamento reprodutivo e as condições de nascimento, que determinam a taxa de mortalidade materna.

A experiência da gravidez antes dos 20 anos é relatada por 21,4% dos homens e 29,5% das mulheres que já haviam ultrapassado esta idade. A maioria das ocorrências destas gestações se dá com homens mais velhos (2-4 anos, 37,6%) ou muito mais velhos (5 ou mais anos, 42,2%) e em geral fora da união conjugal (cerca de 80% dos jovens de ambos os sexos moravam com os pais no momento da descoberta da gravidez). Estes números contrastam com os jovens do sexo masculino, já que as parceiras que engravidaram eram 48,1% da mesma idade e 27,5% das vezes mais novas (AQUINO, 2006).

No contexto brasileiro, apesar das taxas de fecundidade estarem em constante diminuição, a gravidez durante a adolescência se mostra como um fenômeno que pouco se alterou nos últimos anos, apresentando inclusive um aumento da incidência na faixa entre 10 e 14 anos (UNICEF, 2011). Para International Planned Parenthood Federation (2012), garantir a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos é uma prioridade para uma população na qual, em 2000, 20% das crianças nasceram de mães entre 15 e 19 anos e as taxas de fertilidade adolescente não diminuíram como em outras regiões.

Há uma preocupação com os aspectos biológicos durante a adolescência tanto em relação às mães quanto aos filhos devido aos riscos relacionados à gestação, constituindo uma das principais causas de morte entre mulheres de 15 a 19 anos: os fetos correriam maior risco de baixo peso no nascimento, desnutrição e problemas infecciosos no primeiro ano de vida (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1999), porém Rocha (2006), em uma tentativa de comparar a incidência de partos pré-termo e baixo peso entre recém-nascidos entre duas faixas etárias da adolescência, ressalta a importância de, além dos fatores biológicos, ser preciso considerar também as condições sociais e recursos econômicos que as adolescentes dispõem,

já que as condições de saúde podem variar muito de acordo com o atendimento recebido.

Em conjunto aos problemas ligados à gestação, está associada também a disseminação de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Em relação ao HIV, houve um aumento significativo na faixa dos 17-20 anos (de 0,09% a 0,12%), e desde 1998, na faixa etária de 13 a 19 anos a incidência da epidemia é maior entre as mulheres (BRASIL, 2012).

A preocupação das adolescentes frente à prevenção parece sempre estar relacionada à gravidez (HEILBORN, 1999), colocando-as em situação de risco relacionado às DSTs e delatando a necessidade de maiores informações claras e acessíveis a este público.

A ocorrência da gravidez na adolescência é maior entre os segmentos com menor escolaridade e renda, e entre as mulheres que se declaram pretas ou pardas (AQUINO, 2006) - que são, na pesquisa em questão, as jovens que se iniciaram mais cedo e fazem parte destes segmentos. A ocorrência do abortamento é também maior entre mulheres negras, muitas vezes com filhos (DINIZ, 2012).

Não se pode, entretanto, pensar que a pobreza seja determinante para a ocorrência da gravidez e/ou a perenize, é preciso afastar-se de tais pré-conceitos e analisar que, também nas camadas mais altas com acesso à informação e à contraceptivos como na pesquisa de Brandão (2006), ocorre a gestação durante a adolescência.

Grávida e em busca do atendimento pré-natal, a jovem gestante se depara com uma equipe despreparada para lidar com um público diferenciado que precisa ser acolhido (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1999) e com diferenças na oferta e qualidade de serviços pré-natais (AQUINO, 2006), que, em especial nas classes mais baixas, são procurados tardiamente pela falta de sintonia com o próprio corpo e percepção tardia da gravidez (KAHHALE, 2003).

1.3.2 Descoberta da gravidez

Os sentimentos frequentemente experienciados por estas gestantes, de acordo com as pesquisas, são: medos, inseguranças, desespero e sensação de solidão, em especial na descoberta da gravidez (CAVASIN E ARRUDA, 2000), além de arrependimento e tristeza (quando a gravidez não é desejada) e alegria (quando é desejada) (KAHHALE, 2003). Já os pais tendem a questionar a qualidade de suas conversas sobre sexualidade com as filhas adolescentes e se surpreender com a precocidade da vida sexual, em uma mescla de culpa e raiva (DIAS, 1999).

Esta gestação se mostra, em geral, bastante conflituosa, já que a adolescente precisa passar por uma diferença abrupta de papéis, de seu papel de filha para mãe e mulher, ainda em construção, apesar de muitas vezes desejado. Há relatos frequentes de despreparo físico, psicológico, social e econômico para exercer este novo papel materno que, em conjunto com a repressão familiar, pode resultar em evasão do lar dos pais (MOREIRA, 2008).

Nas classes mais baixas também é roubada a sexualização do corpo da mulher, antes utilizado como forma de manutenção do interesse masculino, agora abriga uma jovem “moralmente mutilada”, a quem a “gostosura e firmeza” foi negada. Esta gostosura é um valor ambíguo pois só reproduz no corpo das mulheres a objetificação, tornando-as valorizadas apenas como corpos (SILVA, TORRES e BERG, 2009).

Moreira (2008) relata também que muitas destas gestantes são abandonadas pelo parceiro, frequentemente adolescente, talvez em decorrência do discurso que é construído diferentemente entre os gêneros. Este coloca a jovem como indutora do ato sexual, sendo muitas vezes a “culpada” por acontecimentos como gravidez indesejada ou transmissão de doenças venéreas (REIS, 2011), o que retorna à responsabilidade atribuída à mulher pela contracepção e uso do preservativo.

Quanto às vexações sofridas, Oliveira (2008) considera que a reputação da jovem é de grande importância em especial nas camadas mais populares, ao ocultar a gravidez (mesmo dos pais) e preocupar-se com “falatórios” que considerassem a educação familiar falha, em um caso de irresponsabilidade da jovem e de seus pais, em especial quando a sexualidade não é vivida em conjugalidade.

A ameaça de aniquilamento do corpo se dá em todas as mulheres, em especial nas reduzidas a um corpo hipersexualizado perdido logo na primeira gestação. Nas classes mais baixas, em qualquer momento o sexo pode se

transformar em uma gestação que transforma jovens “gostasas” em mães descartadas por seus maridos e candidatas ao abuso masculino (SILVA, TORRES e BERG, 2009).

1.3.3 Implicações

Em um estudo realizado em Salvador, Porto Alegre e no Rio de Janeiro, Dias (2006) pôde identificar importantes diferenças econômicas, sociais e étnicas na ocorrência da gravidez na adolescência. É possível perceber, assim, que as responsabilidades com os cuidados dos filhos e domésticos se mantêm como parte do papel feminino (seja ele da mãe e/ou grupo de apoio próximo), mesmo quando o casal se encontra em uma relação conjugal, aproximando a condição de ser mulher ao espaço privado.

Levando em conta a perspectiva de gênero, é importante salientar que há uma construção social que atribui à adolescente o dever de cuidar de seu filho em detrimento de seus projetos pessoais (MOTA, 2012) e relações sociais, causando, para 72,1% das mulheres, diminuição do convívio com os amigos (AQUINO, 2006).

A responsabilidade paterna sobre a criança ainda está pautada no papel de provedor, carecendo de responsabilidades diretas no cuidado e criação dos filhos. Como já observado, um bebê chega de maneira a manter a lógica patriarcal, que aproxima a mulher do espaço privado e o homem às responsabilidades financeiras, quando a família se constitui de maneira nuclear.

Há uma diferença de classes importante relacionada às consequências da gravidez para a jovem nas suas relações afetivas. Na pesquisa de Taborda (2014), que compara as consequências da gravidez em diferentes classes socioeconômicas, na classe A (renda média familiar de R\$ 11.480,00) a maior parte das adolescentes continuou solteira, na classe D (renda média familiar de R\$ 680,00) o movimento se voltava para a união com seus parceiros. A moradia, devido à baixa renda, continuou a ser a casa dos pais, “dificultando a vida de todos”, devido ao preconceito e à necessidade de manter e criar mais uma criança.

É interessante que a jovem com melhores condições financeiras consiga sair da lógica da manutenção do feminino no espaço privado, responsável pela manutenção do lar e de uma família nuclear, como o que acontece no caso das adolescentes da classe D. Aqui, perpetuam-se as diferenças socioeconômicas, em que a adolescente mais favorecida teria chances de retomar os estudos e ascender socialmente, enquanto a jovem menos favorecida provavelmente seguirá fora do ambiente acadêmico, o fará como segunda jornada além dos cuidados domésticos, ou, ainda, como terceira além da entrada no mercado de trabalho.

Para Dias (2006), é importante também considerar que o abandono dos estudos muitas vezes já entrecortados - a proporção de trajetórias irregulares entre as mulheres é de cerca de 70% (HEILBORN, 2008) - acaba também por ser responsabilidade da mãe, sendo que o percentual de homens que continuam estudando é duas vezes maior do que o de mulheres.

Uma pesquisa do Ministério da Saúde (2009) também mostrou que 70% das mulheres que levaram a gestação a termo haviam abandonado a escola, relatando que adolescentes com a experiência do nascimento de um filho vivo tinham menos anos escolares.

Na tentativa de compreender o porquê a questão de a evasão escolar estar tão identificada com a gravidez na adolescência, Fávero & Mello (1997) fizeram um estudo com algumas adolescentes grávidas de classe média e baixa para tentar entender a dificuldade da continuação dos estudos que cria uma incompatibilidade tão importante com a questão da gestação, analisando fatores que vão além da jovem, como o parceiro e a família. Como uma das conclusões, questiona a hipótese naturalizada de que este corte abrupto que ocorre na vida da jovem esteja tão relacionado à gravidez apenas, mas de um grupo próximo à adolescente e como este reage a ela no sentido de favorecer a continuação da escolaridade e distanciar-se da expectativa de gênero acerca da maternidade.

Esta condição acaba por funcionar como mais um fator de exclusão social, considerando que as oportunidades são poucas para as jovens sem instrução e constatando-se que esta é a principal razão para evasão escolar entre as mulheres (HEILBORN, 2006), apresentando recursos sociais e econômicos limitados inclusive no que se trata ao acesso à educação. Além disso, o fator de evasão dificulta a construção de uma identidade mais ampla e igualitária, seja em relação às figuras parentais ou aos parceiros, na construção de um relacionamento menos ideológico (KAHHALE, 2003).

Entretanto, não se pode distanciar da questão de que a gravidez não ocorre como fator de exclusão isoladamente, mas dentro de um contexto já excludente da adolescente. Assim, ao preocupar-se em oferecer melhores condições de vida, o Estado permite com que a escolha da gravidez seja feita com responsabilidade e dentro do desejo da adolescente (TAQUETTE, 2008).

É importante também perceber que a maternidade e paternidade durante a adolescência se mostram como um modo de obter valorização social (HEILBORN,

2006; CAVASIN & ARRUDA, 2000). Assim, na falta de perspectiva futura e possibilidade de outros projetos de vida, a gestação se coloca como uma maneira dos jovens serem reconhecidos com maior autonomia conferida pelo *status* de “adultos” (HEILBORN, 2006).

Para entender este *status* atribuído à gestação em camadas populares, Oliveira (2008) considerou a experiência social e cultural, sendo necessário levar em conta práticas e valores mais amplos do que apenas a jovem individual, como, por exemplo, a divisão de papéis dentro de casa. Considera que, nestas populações, não se espera da jovem que seja provedora da casa, mantendo-se representações tradicionais acerca do seu papel a ser exercido no privado: de cuidados da casa e das crianças. Deste modo, as jovens são, desde tenra idade, preparadas para a maternidade ao aprender a cuidar das tarefas domésticas e de seus irmãos. Quando engravidam, portanto, realizam uma parte importante da identidade de mulher que lhes confere o *status* de adultas (DESSER, 1993).

Por ser um tema permeado por asserções morais no discurso científico, é importante ressaltar que a gravidez na adolescência não deve ser vista necessariamente como um “problema” a ser solucionado, e sim uma possibilidade de gravidez desejada e esperada (DADOORIAN, 2003), fruto da opção do casal - não se pode desconsiderar que a maternidade ainda é socialmente um aspecto fundamental da identidade feminina (AQUINO, 2006).

Até este momento, é possível observar as mais diversas histórias familiares e contextos sociais, onde as jovens, inseridas em uma cultura ainda muito machista e questionadora da moral feminina no exercício de sua sexualidade, podem aliar sua situação econômica e financeira, sua formação escolar e sua vida sexual em um movimento de independência e apreço social, gerando uma gravidez desejada, muitas vezes já em uma união estável. É possível levantar a hipótese de que a inacessibilidade nos projetos futuros das famílias menos favorecidas e as características atribuídas ao gênero feminino pela cultura geram um desejo construído pela maternidade “precoce”, como expectativa única de desenrolar da vida adulta.

Assim, é importante levar em conta a diversidade e complexidade das vivências, sem homogeneizá-las baseando-se apenas nas perspectivas das políticas públicas (recursos investidos na assistência pré-natal e internações), do setor de saúde (riscos à mãe e aos filhos envolvidos em uma gravidez nesta faixa etária) e na

reprodução social, considerando a evasão escolar e a dificuldade em se colocar no mercado de trabalho (SANTINI DE ALMEIDA, 2002).

1.4 Mídia

Thompson (1995) escreve sobre o que chama de mediação da cultura moderna, ou seja, a grande proliferação e o acesso cada vez maior dos meios de comunicação em massa pelos receptores, principais responsáveis pela produção e transmissão das formas simbólicas. Esta constitui “uma das transformações-chave associadas com o surgimento das sociedades modernas” (p.21), já que esteve desde o início ligada ao desenvolvimento das organizações comerciais e do estado moderno, tornando-as inseparáveis dos veículos midiáticos.

A autora desta pesquisa concorda com a noção de ideologia utilizada pelo mesmo autor (THOMPSON, 1995, p.16), o “sentido a serviço do poder”, ou seja, como o sentido, construído e significado com base nas relações de poder, pode ser utilizado para “estabelecer e sustentar relações de dominação” (p.35). Estas formas simbólicas para o autor não seriam por si só ideológicas, mas dependeriam do contexto social em que seriam criadas, transmitidas e recebidas, além do modo como são utilizadas, de maneira ou não a sustentar as relações de poder.

Thompson discorre também sobre os veículos de comunicação em massa e seu papel na “mediação ideológica” nas sociedades modernas. Ao tratar dos veículos de transmissão em massa, critica inicialmente esta nomeação que, apesar de ser eficaz em comunicar o sentido do grande alcance midiático, trata os espectadores como uma grande massa de pessoas indiferenciadas, ignorando que as mensagens transmitidas são recebidas por pessoas específicas, em contextos histórico-sociais também distintos, incorporando as informações de diferentes modos.

Já em relação à mediação, considera que uma das características que constitui uma sociedade como “moderna” é a troca da maior parte das interações, antes primariamente face-a-face, para uma comunicação extensamente mediada pelos meios de comunicação de massa. Esta ampla abrangência dos meios de comunicação possui uma particularidade: a unilateralidade de mensagens do produtor para o receptor, tornando com que a troca, antes imediata pela comunicação face-a-face, seja pouca e relativamente inacessível (apesar de existirem meios de resposta, como cartas ao editor ou o boicote ao meio, por exemplo).

O autor, entretanto, distancia-se da ideia de que o receptor destas mensagens funcione apenas passivamente, em uma simples absorção do que lhe é

apresentado pela mídia, mas em constante processo de “compreensão e interpretação, de discussão, apreciação e incorporação” (p.37). Ou seja, o processo de incorporação não se daria pela absorção direta do material apresentado, mas por meio de um processo de compreensão e entendimento, em busca de dar sentido à mensagem recebida, o que implicaria em um processo de auto-entendimento e auto-formação, revisando a visão de mundo do leitor e de si mesmo.

Assim, a possibilidade da mediação ideológica, ou seja, esta mediação de formas simbólicas que produzem e sustentam relações de dominação por meio dos meios de comunicação, produz a possibilidade de tornar um fenômeno ideológico em fenômeno de massa, capaz de afetar diversas pessoas a grandes distâncias. Os meios de comunicação se tornaram, portanto, “o meio mais importante da operação da ideologia nas sociedades modernas” (THOMPSON, p.31). As formas simbólicas passam por um processo de valorização econômica da mídia, no qual as informações possuem valor de acordo com a aceitação ou crítica do público.

A mídia se coloca também como uma das arenas responsáveis pela construção da noção de problema social, ao fabricar e reproduzir a noção de, por exemplo, gravidez na adolescência como preocupação passível de relevo na imprensa e agendas públicas. Existe, portanto, uma hierarquização de questões, inseridas em um “mercado de problemas sociais”, onde as diferentes definições de problema social e a disponibilidade de cobertura da mídia têm consequências acerca do que será feito a respeito (e se será feito algo) (ROSEMBERG & ANDRADE, 2012):

A dramatização do problema social é necessária para chamar a atenção e revesti-lo da urgência da mobilização e indignação social na competição com outros problemas. (p. 291)

Andrade (2004, p.98) cita Goffman (1982)⁵ ao conceituar estigma, que seria a desapropriação do indivíduo por meio da criação de rótulos que valorizam uma condição física, moral ou social em detrimento do sujeito, impossibilitando-o de exercer, inteiramente, sua humanidade. Neste processo de dramatização, observa-se que a estigmatização dos segmentos sociais é comum e produz, como citado anteriormente, ideologia.

⁵ GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

O autor (p.80) contextualiza o crescimento da mídia em conjunto com o humanitarismo por meio de Brauman & Backmann⁶ (1996) que, apesar de possibilitar o conhecimento acerca de eventos de grande sofrimento e muita demanda, também trouxe o que chama de “espetáculo do sofrimento” que intensifica e chama a atenção para a dor das vítimas enquanto se distancia de suas raízes políticas. É simples pensar, aqui, na construção de um pensamento simplista e produtor de estigmas que expõe as vítimas, porém as distancia de seus contextos políticos e determinantes das condições.

A estigmatização da pobreza descrita por Andrade (2004) ao discorrer sobre a prostituição infanto-juvenil na mídia permite com que este observe esta como mais um recurso para a manutenção das relações de dominação de classe, se utilizando da mesma definição de ideologia descrita acima por Thompson (1995). O autor cita Velho⁷ (1999), que trata dos desviantes dos dominantes, dizendo que estes são abordados em uma perspectiva psicologizante e patologizante pela mídia, que sustenta este discurso por meio de artigos e trabalhos acadêmicos que ainda não puderam superar esta perspectiva preconceituosa e intolerante.

O mesmo autor considera que esta estigmatização pode ser utilizada de modo a construir grupos desprovidos de autonomia, cuja humanidade é vista enquanto uma a ser guiada ou corrigida. Esta situação fica muito clara na questão da gravidez na adolescência, onde a recorrência familiar de mãe para filha e a perpetuação da pobreza são exemplos de ideias frequentemente relacionadas à questão e sistematicamente expostas pela mídia.

Andrade (2004), na análise da temática da prostituição infantil na mídia, observou a estigmatização referida acima por meio da exposição em adição à simplificação do fenômeno por causas endógenas à pobreza, o silêncio acerca das desigualdades de renda e a caracterização desviante das jovens representadas.

Esta exposição pode se dar inclusive por meio da exposição da identidade e intimidade do sujeito estigmatizado, enquanto realiza uma análise superficial de sua situação que desconsidera o contexto e as relações de dominação. São expostos nomes, fotos e localização, com o objetivo de criar uma identidade deteriorada, reduzida ao estigma, o que deve ser observado nos mecanismos da mídia para

⁶ BRAUMAN, Rony; BACKMANN, René. *Las médias et l'humanitaire: éthique de l'information ou charité-spectacle*. Paris: CFPJ Editions, Médias et Société, 1996.

⁷ VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

construção de ideologia e na presente pesquisa pela apresentação, na imensa maioria das reportagens, de casos reais.

1.4.1 Papel da mídia adolescente e sua influência

As revistas destinadas ao público adolescente só surgiram quando estes se colocaram como potenciais consumidores relevantes, o que aconteceu em meados dos anos 70, quando a *Capricho*, de 1952, já existia como revista de fotonovela, enquanto as revistas como *Atrevida* e *Todateen* surgiram em meados dos anos 90 (OLIVEIRA, 2012).

Oliveira (2012) aborda a questão da revista adolescente no meio jornalístico onde é vista com pouco interesse e veiculadora exclusivamente de futilidades, para a qual seria necessária uma alternativa crítica. Entretanto, “problematiza” esta posição ao analisar que estas são baseadas em pesquisa de mercado constante e apresentam matérias que vão ser, efetivamente, do interesse da leitora, ou seja, que vendam.

A autora (2012, p. 22) cita Scalzo⁸ (2006) ao destacar a necessidade de dinamismo das publicações da revista, já que seu público de intervalo de idade curto muda e precisa ser conquistado a cada três ou quatro anos. Elucida também a relação singular que a adolescente mantém com a revista, muito mais próxima que as mulheres adultas, ao manter contato e escrever frequente e diretamente para esta.

Santos & Silva (2008, p.24) citam Bauman⁹ (2005) ao tratar que a mídia se preocupa em ditar estilos de vida a ser seguidos, em especial nas questões de saúde e relações, que propõe maneiras de vivenciar o corpo, as relações com os outros e a própria sexualidade, em busca de uma sensação de identidade e pertencimento. O mesmo autor considera que estas demandas de pertencimento ideal e identitário são sociais e, por se tratarem de questões fluidas e em constante atualização, são sempre parcialmente preenchidas, criando novos espaços para que o mercado produza novos conteúdos.

⁸ SCALZO, M. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2006.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

1.4.2 Revistas selecionadas

As revistas Capricho, Todateen e Atrevida foram selecionadas com base em sua tiragem de quase 400 mil, constituindo opções extremamente relevantes para o público alvo e as maiores no segmento adolescente (ANER, 2015). O conteúdo a ser analisado será retirado das publicações *online*, que apresentam, respectivamente, 23.410.000 (ABRIL, 2016), 3.817.742 (TODATEEN, 2016) e 27.500.000 (ATREVIDA, 2016) *page views*¹⁰.

Ambas as revistas Capricho e Todateen são direcionadas ao público de 13 a 17 anos, enquanto a Atrevida estaria direcionada a um público até mais velho, de 19 anos. As três revistas têm como público jovens mulheres das classes A e B que, por estarem nas classes dominantes, apresentam o tipo de adolescência dominante veiculado pela mídia e reproduzido nestas revistas.

Em comparação aos resultados demonstrados pela pesquisa de Oliveira (2012), as tiragens das revistas caíram exponencialmente, enquanto seus acessos às páginas *online* e redes sociais estão em constante crescimento. Seus públicos-alvo, antes majoritariamente das classes B e C, agora estão concentrados nas classes mais altas, talvez em uma estratégia de manter o consumo das revistas impressas.

Como o explicitado pela Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER, 2015) e o observado acima, as revistas “falam com quem tem poder de consumo” e seus leitores têm, em média, renda 45% maior que o resto da população. Seus dados mostram também que a maioria da população jovem leitora de revistas está entre a classe A e B1, o que justificaria esta mudança de público-alvo das revistas, em relação à análise de Oliveira em 2012.

¹⁰ *Page views* é um termo da língua inglesa utilizado para denominar “visualizações da página”.

1.4.3 Considerações

Nazareth (2004) realizou um trabalho muito próximo a este por meio da análise do discurso de um jornal de grande tiragem, a Folha de S. Paulo, acerca da gravidez na adolescência. Notou que, como observado em muitos dos artigos citados nesta pesquisa, a temática foi abordada como ‘problema social’, utilizando-se de especialistas da área da Saúde para corroboração desta conclusão. As adolescentes eram tratadas de maneira estigmatizada e afastada do seu contexto de vida, suas famílias desvalorizadas por não oferecerem condições adequadas de vida e sua perspectiva de futuro desconsiderada, fadadas a prosseguir neste círculo vicioso de miséria e gravidez “precoce”.

O exercício da sexualidade da adolescente é desqualificado por estar sempre relacionado à imaturidade e irresponsabilidade, tornando a contracepção improvável e a gravidez na adolescência explicável pelas características esperadas da faixa etária. O adolescente masculino é mantido na penumbra e não se encontra diretamente responsabilizado.

A autora considera, por fim, que o discurso apresentado pelo veículo assume um caráter ideológico e moralista, ao justificar relações de opressão de classe e etárias, estigmatizando a parcela da população retratada.

A fim de abrir espaço para o pensamento acerca da possibilidade da presença de um pensamento conservador (como a Folha de S. Paulo exemplificada acima), que desconsidera o papel de sujeito da jovem – ou o considera, porém, onde é conveniente, de maneira ideológica – a pesquisa pretende analisar de maneira crítica o discurso acerca da temática da sexualidade, contracepção e gravidez na adolescência em revistas que dialogam “diretamente” com a jovem.

2. Método

Diferentemente dos modelos de pesquisa positivistas, que privilegiam a busca pela constância dos fenômenos humanos, a imprevisibilidade e complexidade das relações humanas, construídas e mantidas por condições sociais e históricas, trouxeram a necessidade da pesquisa qualitativa, que procura abarcar os significados trazidos pelas ações dos atores sociais, não sendo possível a dissociação destas dos contextos sociais em que se dão. Estes significados podem se dar de maneira manifesta ou latente, a ser desvendados pela descrição do homem em um dado momento histórico, em uma dada cultura, que vivencia dados e acontecimentos específicos do contexto em que vive (CHIZZOTTI, 1998).

O mesmo autor considera que o método da Pesquisa qualitativa torna o pesquisador um investigador ativo do “significado das ações e relações que se ocultam nas estruturas sociais” (p. 80), sem que este precise seguir um modelo específico pré-determinado, mas possa moldá-lo de acordo com as necessidades de seu campo de pesquisa e problemas que possa enfrentar, mobilizando a perspicácia e a criatividade do pesquisador.

Apesar da liberdade na coleta e interpretação das informações, este modelo privilegia algumas técnicas que auxiliam na descoberta de fenômenos latentes, como a análise de conteúdo, a ser utilizada na pesquisa em questão. Esta consiste na análise crítica de textos escritos que contém uma informação acerca do comportamento humano de maneira documentada, em busca de conteúdos manifestos e latentes, buscando passar dos elementos descritivos à interpretação dos significados produzidos pelos indivíduos (CHIZZOTTI, 1998).

Tuzzo & Braga (2015) consideram que, por meio da utilização do método de investigação qualitativa, torna-se possível abarcar as complexidades a que foram sujeitos os atores sociais, dentro de seus ambientes sociais e históricos específicos. Assim, torna-se possível o desvelamento do sentido social que os indivíduos constroem em suas interações (CHIZZOTTI, 1998).

Para análise e interpretação do conteúdo transmitido pela grande mídia direcionada ao público adolescente acerca da realidade da gravidez na adolescência no Brasil será utilizado o embasamento proporcionado pela perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica e a revisão da literatura recente acerca do tema. Desta maneira, se torna possível a investigação do conteúdo latente que é transmitido no discurso da mídia, objetivo da presente pesquisa.

Os artigos foram encontrados com base no arquivo *online* das três revistas para público adolescente de grande tiragem no país (Capricho, Atrevida e TodaTeen) e selecionados com base na relevância, ligação direta com o tema e a contemporaneidade, consideradas apenas as publicações dos últimos cinco anos. Como a coleta e seleção foram realizadas em 2016, serão consideradas publicações até o ano de 2011.

Enquanto palavras-chave, nas buscas foram utilizados os termos “sexualidade”, “adolescência”, “grávida”, “gravidez adolescente”, “gravidez na adolescência” e “gravidez precoce”.

3. Resultados

As reportagens apresentadas na pesquisa foram selecionadas, primeiramente, por terem sido publicadas no período de 5 anos anteriores à coleta (no caso, desde 2011), para a manutenção de informações e concepções recentes, permitindo uma análise atualizada do tema. Para a análise foram selecionadas seis reportagens das três revistas para o público adolescente de maior tiragem do Brasil e dentro destas, duas reportagens de cada, para evitar uma análise superficial da perspectiva de cada veículo de mídia impressa enquanto elucida, por meio da análise qualitativa, parte relevante da realidade estudada.

Em segundo lugar, após a pesquisa de palavras-chave nos bancos *online* de dados das revistas selecionadas, as reportagens foram escolhidas pela ligação direta com o tema e a utilização de uma abordagem que dialoga “diretamente” com a adolescente, seja por meio de casos reais ou por meio do direcionamento da reportagem na segunda pessoa do singular (tu, você). Destas reportagens serão aqui apresentadas as consideradas mais representativas do processo pesquisado, por revelarem explicitamente o teor em que abordam a temática.

Desta maneira, a pesquisa preocupa-se em pensar a abordagem do tema em diálogo direto com a jovem, investigando como a sexualidade é ilustrada, se lhes é oferecido recursos para contracepção e, na ocorrência da gravidez, se lhes são oferecidos recursos para lidar com o fenômeno. Será realizada uma análise crítica de conteúdo, tanto do título utilizado para nomear a reportagem, quanto do corpo do texto, a fim de investigar um possível discurso conservador e ideológico latente, que funciona de maneira a justificar opressões em diversas áreas da sexualidade.

3.1 Capricho

3.1.1 Não passou pela minha cabeça que havia chances de eu estar grávida

A reportagem é apresentada por uma rápida introdução da jovem a ser entrevistada, AP. de 20 anos, que se encontra entre as 16 milhões de adolescentes que ficam grávidas sem planejar, anualmente. A data da matéria, que introduz e justifica o tema, é dia 26 de setembro no Dia Mundial da Prevenção da Gravidez Não Planejada, uma iniciativa de ONGs para promover o exercício da sexualidade responsável e reduzir os índices de gravidez não planejada.

Em seguida, detalha o caso de AP., que, aos 17 anos, apresentava enjôos frequentes, mas, como estava de férias na Disney, não suspeitou que pudesse ser uma gravidez. Na volta para o Brasil, ao persistirem os sintomas, decidiu conversar com sua mãe, com quem tem uma relação aberta e acompanhou a confirmação da gravidez por meio de um teste de farmácia.

AP. contou com o apoio de seus pais, amigas, namorado e a família do namorado, que a auxiliaram. A fim de terminar os estudos mais rapidamente, se matriculou em um supletivo, desta maneira, poderia se “dedicar à gestação”.

Relata que a vida muda em todos os casos de gravidez, exemplificando ao dizer que “antes, eu podia tomar banho a hora que eu quisesse e por quanto tempo eu quisesse. Podia almoçar, jantar, dormir e fazer qualquer coisa sem ter que me preocupar com nada”, como uma adolescente comum, coisas de que sente falta.

Traz também a temática do preconceito enfrentado pelas jovens, que se tornam “o centro dos olhares” por serem “novas demais”, o que relata nunca a ter incomodado, e atualmente, perguntas como “esse é seu irmão?” são respondidas com naturalidade e graça.

Enquanto principal causa de uma gravidez não planejada, relata a falta do uso de métodos contraceptivos ou o uso incorreto da camisinha e pílula anticoncepcional, que pode se dar por um descuido dos casais. No caso de AP., a gravidez se deu na troca de um anticoncepcional por outro.

AP. relata que entrou na faculdade e estuda Psicologia à noite, dedicando seu dia para o filho, que a espera ‘chegar de estudar’ para dormir. Relata ser grata ao apoio dos pais e ter uma relação amigável com seu ex-parceiro, que será importante para a educação do filho – brinca que, além de adolescente, é mãe solteira.

A matéria é encerrada pelo dado estatístico da OMS, que diz que cerca de “cerca de 16 milhões de meninas, ao redor do mundo, entre 15 e 19 anos dão à luz todo ano”, e este seria um número considerado alto. A matéria traz que, apesar da leitora pensar que isto nunca irá “acontecer comigo”, sempre se conhece amigas de amigas que ficam grávidas, como AP., por exemplo.

3.1.2 Dez coisas que eu não sabia antes da gravidez

A reportagem é apresentada pela introdução da jovem entrevistada, VF., de 18 anos, ex-vestibulanda que havia acabado de sair de um emprego para se dedicar aos estudos, quando começou a sentir muito sono e enjôos. Após três falsos

negativos, decidiu ir ao laboratório fazer um exame de sangue, que confirmou a gravidez no mesmo dia.

Sua primeira atitude foi comunicar a seu parceiro, que “*ficou sem reação, o que me deixou ainda mais perdida*”, já que estavam em uma fase de reatar o namoro quando a transa aconteceu, por acidente: “não queria acreditar que daria azar”. Não tomou a pílula seguinte em seguida, por medo de se sentir culpada, e quando decidiu fazê-lo, o tempo de ação já havia passado.

A revista apresenta o Dia Mundial da Prevenção da Gravidez Não Planejada, dizendo que, apesar de não planejada, VF. aprendeu algumas lições desde a confirmação, descritas a seguir.

Relata que reclamar de ir à escola é errado, por precisar levar seu filho com ela nas aulas e só poder “pensar em voltar aos estudos” após os seis primeiros meses dele, mudando seus planos de vida completamente. Relata também que a jovem não é uma exceção, sugerindo à leitora que não confie em seu parceiro, ainda que este seja seu namorado, e não confie totalmente em preservativos, apesar de sugerir que “se cuide”. Conta também que a gravidez não contribuiu “em nada” para seu relacionamento, ao contrário do que esperava.

A jovem considera que amor de namorado é diferente de amor de mãe, já que com a chegada de seu filho, pôde entender o que é “amor de verdade”. Este seria um tipo de amor que torna impossível viver sem a pessoa, diferente de com seu namorado. Introduce a ideia, em seguida, de que os pais são os melhores amigos, apoio essencial para a jovem.

Relata ter aprendido a ser mais humilde e aceitar ajuda, não precisando de muito para ser feliz, apenas, como exemplifica, “um chute de seu filho em plena madrugada”, lembrando-a de que ainda está ali.

Em seguida, traz a ideia de que é possível abrir mão de seus sonhos, no seu caso, a dança. Traz também a dificuldade no cuidado de seu filho e a falta de suporte do pai da criança, o que não condiz com o sonho de “ter uma família completa e feliz”, como o idealizado pela jovem.

Relata que é possível viver sem maquiagem, investindo todo o dinheiro que antes gastaria nestes produtos com seu filho, já que “*o foco não sou mais eu, é ele*”. Concluindo, diz compreender as preocupações dos pais que as adolescentes vêem como implicância, como perguntar se “vai chegar tarde em casa”, e encerra a reportagem dizendo não se arrepende de não ter tomado a pílula, por ter sido

recompensada com seu filho e ter a oportunidade de construir seu “novo futuro ao lado dele”. Lembra, porém, que a vida certamente muda.

3.2 Atrevida

3.2.1 Gravidez na adolescência: conheça casos reais de meninas que enfrentaram essa barra

A revista tem como intuito, na reportagem, mostrar às adolescentes como é ter um filho enquanto jovem: seria uma “barra” a se enfrentar e nada fácil, exigindo um abrir mão de “baladas, festas e curtidão”.

Apesar de considerar ser “difícil de acreditar”, explica que uma só relação desprotegida significa um risco de gravidez, que se concretizada, acarreta em uma responsabilidade eterna. Em seguida, apresenta dois casos (Marcela e Gabriela, nomes fictícios) de garotas que ficaram grávidas e suas dificuldades na criação dos filhos.

O próximo subtítulo está ligado ao parceiro sexual e seu pai, que, respectivamente, “sumiu no mundo” e “ficou sem falar comigo”, seguidos da apresentação de sua rotina de amamentação, que se dá inclusive no colégio, por meio do auxílio de sua mãe. O primeiro caso conta a história de Marcela, que namorava há dois meses quando “resolveu transar”, porém não conseguiu – por vergonha - pedir que o namorado usasse camisinha e acabou por engravidar. A descoberta da gravidez veio logo após o primeiro atraso da menstruação, que provocou uma ansiedade percebida pela mãe, que a levou para realizar testes, confirmando a gravidez.

A questão do aborto é apresentada pelo namorado, que “nem parecia o mesmo menino romântico por quem ela tinha se apaixonado” e recusou-se a assumir a criança. Em relação ao apoio familiar, a jovem contou com o lado feminino do núcleo familiar, já que o pai não falava mais com ela. Com o tempo, entretanto, esta situação foi amenizada e o apoio familiar estendido, porém, mesmo com este apoio, o ano escolar foi perdido.

A jovem sofreu vexação nas ruas por ser “muito nova” (mesmo para ter vida sexual ativa) e precisou abrir mão de muitas coisas, como baladas com os amigos, para assumir responsabilidades ligadas ao cuidado do bebê. Relata continuar os estudos pela manhã com o auxílio de sua mãe, que o leva para amamentar nos intervalos; diz: “É claro que eu amo meu filho, mas, se pudesse voltar no tempo, teria o bebê só depois de estudar, trabalhar e casar”.

O segundo caso conta a história de Gabriela (nome fictício), que, na troca de pílulas, haveria dado uma “vacilada” mesmo com a instrução da médica de utilizar o preservativo masculino em conjunto com o medicamento nos primeiros dias. Por achar ser “exagero”, não chegou a “pedir” para o namorado utilizar o preservativo, “eu fiz o que fiz pensando em agradá-lo”, relata, já que este dizia que “machucava e que o sexo não era prazeroso” com o uso do preservativo.

Com o atraso da menstruação, a gravidez foi confirmada com um teste de farmácia seguido de um exame de sangue. O namorado de Gabriela também não concordou em assumir o filho, “acabou humilhando a garota sem dó, disse que o filho não era dele, que não ia assumir e pediu que ela escolhesse entre ele e o bebê”, apesar de ser um parceiro por quem a jovem “tinha tanto carinho”. Além de não assumir, a revista considera que “o ‘baphão’ não acabou por aí”: a menina teria sido humilhada e requisitada para um exame de DNA exigido pela família do parceiro.

A família da jovem a apoiou durante toda a gestação, entretanto, relata que seus amigos “sumiram do mapa” e a “abandonaram completamente”. Por fim, relata que sua vida mudou muito e precisou parar a escola por enquanto para cuidar do bebê, mas que pretende terminar o ensino médio e cursar o superior, apesar das dificuldades no cuidado de uma criança pequena. Encerra dizendo que “é muito complicado criar um filho com a minha idade, nunca imaginei que fosse tanto. Se eu soubesse, teria me protegido de todas as formas”.

A revista preocupa-se em informar sobre contracepção após o final das entrevistas, para “não passar pela mesma situação da Má e da Gabi”, por meio de um *link* para outro artigo com respostas de especialistas sobre a questão.

3.2.2 Estou grávida, e agora?

A reportagem inicia apresentando um “dossiê” de histórias de pessoas que já passaram por essa “barra”, erros mais comuns e como “não cair nessa roubada”, exibindo dois casos reais para apresentação da temática.

No primeiro caso, SS. justifica sua gestação por estar namorando e não utilizar métodos contraceptivos em todas as relações, dizendo que “não me preocupava, (...) não ia acontecer comigo”. Após a descoberta da gravidez, a jovem levou dois meses para contar aos pais pela falta de orientação anterior relacionada à sexo, porém, após este período, pôde contar com o apoio destes e do namorado.

Apesar de “surpresa” e “chocada” com o que havia acontecido, a jovem relata que “não queria de forma alguma” o bebê ou mesmo morreria, frente a esta situação: entretanto, após algum tempo, passou a “aceitá-lo”. S.S., para que pudesse cuidar de seu filho, abriu mão dos estudos (assim como seu companheiro) e mudou-se com este para uma casa, assumindo diversos tipos de responsabilidades - que parecem ser, aqui, o cuidado da casa e da filha - e deixando outras de lado, como as “baladas e bagunças”.

A jovem encerra relatando que hoje sua filha possui sete anos e é “supercompanheira”, “razão de sua vida”, e apesar de “ser mãe ser bom”, o melhor seria esperar a “hora certa”. Por fim, constata que ser mãe é positivo e prazeroso.

A abertura da segunda história apresenta um decorrer bastante forte da vida da jovem, resultante da gravidez: “abri mão de muitos sonhos para cuidar da minha filha”. C.R, grávida de oito meses e meio, apresenta seu caso admitindo que “errou” pelo descuido, envolvendo seu namorado na contracepção: enquanto esta poderia tomar pílula e seu companheiro usar camisinha, nenhum dos dois o fez.

A descoberta se deu por meio de sintomas como enjôo e fome que, percebidos também por sua mãe, levaram à realização dos exames para a confirmação da gravidez, que se deu imediatamente com felicidade, dizendo: “estou feliz, uma criança é sempre uma alegria”.

O jovem relata que seus pais não a forçaram a casar e permitem que more com eles, considerando que teve sorte: afinal, “tem muito cara que não dá a mínima e alguns pais chegam a expulsar a menina de casa”. Em ambientes menos familiares, relata um preconceito e olhar “torto” das pessoas, que a parecem julgar pela gravidez.

Por fim, relata que teve de desistir de seu sonho de ser aeromoça e de seu emprego para cuidar do bebê, além do sonho do vestibular que foi postergado, e considera que o melhor cenário seria “estudar, trabalhar, ter uma carreira para depois pensar em filho”.

Para ilustrar as possibilidades que expliquem o “descuido”, a redação convida uma ginecologista que, para exemplificar o raciocínio pouco lógico de que a gravidez não ocorrerá com as garotas, se utiliza das pessoas “que ficam correndo no trânsito” e, apesar de estarem sujeitas a participar de um acidente, creem ser “superpoderosas” e acreditam que nada ocorrerá. Relata também que a maioria das meninas acredita neste raciocínio, e só passará a utilizar um método contraceptivo

cerca de um ano após a iniciação sexual; discorre, ainda, sobre a possibilidade da vontade inconsciente de ser mãe, para assumir o “papel de adulta”, tornar o namoro mais sério ou chamar a atenção da família, estratégias que em geral não funcionam da maneira esperada.

Em seguida, diz que “a entrada na vida adulta acontece, sim, mas vem carregada de responsabilidades”, além da relação do pai com a criança poder não funcionar como esperado e um possível casamento não sobreviver (na maioria dos casos). Discorre, também, acerca da reação da família, que pode aproximar-se ou mesmo não acolher a filha grávida, em alguns casos.

3.3 TodaTeen

3.3.1 Gravidez na adolescência

A chamada por si só dá o teor da reportagem e sua visão acerca da questão, dizendo: “conheça os problemas que pode enfrentar se engravidar antes da hora”. Em seguida, encontram-se relatos de garotas que, frente à gravidez, se vêem em conflitos com os parceiros, tanto para assumir o relacionamento e morar juntos, quanto na dificuldade de corresponder ao seu amor. Por meio destes relatos, a revista comprova que a maternidade “é, sim, uma benção, uma coisa maravilhosa na vida de uma mulher”, mas também uma responsabilidade que deve vir na “hora certa”, já que a gravidez precoce pode causar transtornos na vida da jovem.

Em “não adianta esconder por muito tempo, o seu corpo vai mostrar que você está grávida”, a revista ilustra a importância de contar o acontecimento para os pais, seguido do subtítulo “apoio da família”, que ressalta a importância deste apoio mesmo que não o tenha imediatamente, dizendo: “pense, se a notícia para você caiu como uma bomba, imagina pra eles?”. Desta maneira é preciso, aos poucos, convencê-los de que “errou e está disposta a mudar de atitude daqui pra frente”.

No subtítulo “cadê o pai?”, além das fofocas e novas cobranças que estariam ligadas à gestação, é preciso enfrentar o pai da criança, que pode ou não assumir a gravidez (apoio considerado importante), a depender do grau de relacionamento mantido anteriormente. Da família de seu parceiro sexual, pode escutar “besteiras”, como ser chamada de “interesseira e oportunista”.

No subtítulo “de filha a dona de casa”, diante das “únicas” duas possíveis perspectivas de futuro (casar ou morar juntos) a jovem, que já estava inserida em um lar onde a mãe e mulher realizava todas as tarefas, passa a ser única responsável pelo cuidado doméstico. Em “o que fazer?”, é dito para a jovem que deve assumir seu(sua) filho(a), “seja como for”, pelo feto não ser culpado e merecer o carinho da mãe.

No subtítulo “cuide-se”, a reportagem traz a importância dos exames pré-natais e o acompanhamento médico, que pode ser realizado no posto de saúde mais próximo. Por fim, em “prevenção é tudo”, provê informações acerca de preservativos que, além de evitar uma gravidez indesejada, também auxiliam na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, lembrando: “numa gravidez precoce e não desejada, quem sofre as piores consequências é você!”

3.3.2 Grávida e adolescente

A reportagem utiliza o caso real Sherilyn, uma adolescente que conta a história de sua gravidez para ilustrar as mudanças trazidas por ela, ocorrida quando a jovem tinha 17 anos. Em seu segundo parágrafo, cria uma situação imaginária que ilustraria uma “vida boa” de uma estudante, que estuda, passa tempo em casa, fica na *internet* e possui tempo para namorar, até que, aos 17 anos, se viu grávida e “estava prestes a se tornar mãe”.

Retoma, no terceiro parágrafo, a rotina “tranquilinha” de Sherilyn, que estuda e curte as baladas, e introduz seu namoro há um ano com Rogério que “ia bem”, até que a jovem não usou camisinha. Apesar de utilizar a pílula anticoncepcional, no período de troca de marcas a relação desprotegida ocorreu e a notícia da gravidez veio após um grande período de tempo e como um choque.

No “momento de contar a verdade”, a adolescente relata que comprovou a gravidez com um resultado positivo de farmácia e, “depois de saber que carregava um bebê dentro dela”, um exame de sangue na companhia de sua mãe, que a “apoiou em tudo”, apesar de assustada. Conta também que a notícia foi recebida pelo namorado de maneira mais “assustada” e de “cara feia”, “ficou meio bravo” e ao que parece, desapareceu por alguns momentos, até que voltou no mesmo dia dizendo estar feliz.

Para sustentar esta reação, tanto da jovem quanto das pessoas envolvidas em sua vida, a revista cita uma psicóloga, que relata a importância do acolhimento e compreensão para a mãe e o bebê, atribuindo a seus próximos a tarefa de auxiliá-la a entender e valorizar a vida dentro de si, além de fazê-la sentir capacitada para “cuidar e educar”. Em seguida, o caso é ilustrado por fotos de Sherilyn e seu filho retiradas de suas redes sociais.

No próximo parágrafo “de filha a mamãe e dona de casa”, é relatado que Sherilyn e Rogério, seu namorado, decidiram morar juntos. Suas responsabilidades mudaram, cuidando da casa, de seu “namorado que virou marido” e de seu filho. O texto considera que “*Cuidar da casa; do filho; do namorado que virou marido; deixar de estudar e curtir a vida como fazia antes; tudo isso vem junto no pacote da gravidez precoce*”, precisando deixar de estudar e trabalhar por algum tempo para cuidar de seu filho, afinal, “*quando você tem um filho e uma família, você só vive pra isso*”.

Esta realidade é considerada, pela redação, como um reflexo do amadurecer precoce. A psicóloga considera que a vida da jovem, antes constituída pelas paqueras, fofocas e baladas, é acompanhada por preconceitos e mudanças no convívio social que são substituídas por novas prioridades do lar, enquanto menina-adulta em processo de amadurecimento, “precisando de muito cuidado e respeito”.

O texto é concluído pelo subtítulo “Final feliz” que considera que, apesar das grandes mudanças na vida da jovem, Sherilyn não reclama de nada, mas tem consciência de que perdeu muito e aconselha: “*se cuidem e evitem*”. Encerra deixando claro que o que importa para a jovem, apesar de tudo, é seu filho, fazendo o possível para ficar o máximo de tempo com este, dedicação aliada à sua jornada dupla de trabalho e cuidado da casa.

4. Análise dos resultados

As matérias publicadas foram analisadas articulando-se as principais ideias apresentadas por elas quanto à gravidez, com o arcabouço teórico desenvolvido nos capítulos anteriores, à luz da Psicologia Sócio-Histórica: esta abordagem apresenta a possibilidade da consideração da jovem enquanto sujeito atuante e histórico, dentro de um contexto social e econômico específico, que influencia diretamente na sua construção de subjetividade e tomada de decisões.

A análise dos resultados se dará por meio da divisão em categorias de análise, em uma tentativa de aglutinar as informações comuns às revistas, que são: **teor das reportagens; concepção de adolescência; modo de exposição do tema (casos reais, especialistas, etc); concepção de sexualidade na adolescência; contracepção; conhecimento do corpo; reação da adolescente; busca de primeiro suporte; reação dos parceiros; reação da família; reação dos amigos; reação social; desfechos da gestação; apoio próximo para manutenção dos estudos; planos de futuro (idealizado e real); conclusões; especialistas convidados.**

Desta maneira estão reunidas, a seguir, as posições assumidas acerca dos diversos temas que permeiam a questão da gravidez na adolescência e, assim, torna-se viável a análise de quem está sendo retratado, como está sendo retratado e qual posição ocupa, seja esta passiva ou ativa em relação à situação e quais os recursos oferecidos, se oferecidos, para o manejo da gravidez na adolescência pelas adolescentes (público a quem a revista destina seu conteúdo). A partir destas informações, torna-se possível uma análise de ideologia veiculada pela mídia, discutida no capítulo 1.4.

Teor das reportagens

A revista *Atrevida* e a *Todateen*, apresentam as reportagens com um **teor** parcial e claramente negativo em relação à gravidez na adolescência, com maior preocupação aparente de chocar com as consequências negativas que esta pode trazer, ao se dar de maneira “precoce”, do que informar acerca da contracepção ou oferecer recursos para o manejo da situação caso esta ocorra “antes da hora”, dando a ideia de gestação neste momento enquanto sempre indesejada e vista como problema.

Na revista *Capricho*, o teor é também de gravidez precoce, ao apresentar o alto número de gravidezes não planejadas de adolescentes, porém de maneira mais encoberta. Quando esta ocorre, a revista não apresenta um tom de reprimenda, mas preocupa-se em mostrar as mudanças decorrentes da maternidade (em especial as que não estão relacionadas à concepção de adolescência da revista), funcionando no sentido também de prevenção.

O teor das reportagens, na revista *Todateen* cria um sentimento muito ambíguo em relação à gravidez: esta seria uma "benção, uma coisa maravilhosa na vida de uma mulher", porém, uma responsabilidade imensa que requer um amadurecimento rápido, afinal, todas as responsabilidades com a casa e o núcleo familiar se tornam da jovem. Desta maneira, caso não seja desejada, "quem sofre as piores consequências" é a adolescente devido às grandes mudanças trazidas com a maternidade, desenrolar considerado único da gestação. Esta última oferece, diferentemente das outras, informações breves acerca de recursos para o manejo da gravidez após a descoberta desta, como a importância dos exames pré-natais e acompanhamento médico no posto de saúde, para a saúde da jovem e do feto.

Concepção de adolescência

A **concepção de adolescência** das revistas *Atrevida* e *Todateen* está relacionada à uma visão superficial de adolescência que, além de naturalizante e ahistórica, considera que esta "fase" estaria relacionada a uma rotina "tranquilinha", consistindo apenas de baladas, festas, curtidão, passeios e bagunças que, com a chegada do bebê, "tiveram que ser deixadas para trás" diante de novas responsabilidades. É possível levantar a questão de se este não é um discurso criado para superficializar a experiência do sujeito e esvaziá-la de sentido, como se tudo na vida de uma jovem desta idade estivesse, de alguma maneira, ligada à "bagunça" que foi deixada de lado, para também aparecer como uma nova maneira de evitar que o fenômeno aconteça ilustrando apenas suas consequências negativas.

Na revista *Capricho*, a concepção de adolescência se dá de maneiras bastante diferentes: na primeira reportagem está mais ligada à ausência de preocupações com hábitos rotineiros, como "tomar banho por quanto tempo quiser e almoçar quando quiser", que também mudam com a chegada de uma criança, não parecendo esvaziar a experiência do sujeito como nas revistas anteriores; e na

segunda reportagem, pelo fato da jovem já estudar e estar inserida no mercado de trabalho, a concepção mais próxima à adolescência que aparece é a importância da maquiagem; de resto, a adolescente parece levar uma vida "adulta" - remontando à importância do corte econômico para a vivência da adolescência no modelo dominante.

Modo de exposição do tema

Para o desenvolvimento das reportagens na *Atrevida* - **modo de exposição do tema** - são utilizados casos reais, alterando os nomes para preservação do sigilo.

Para tratar da questão, as revistas *Todateen* e *Capricho*, se utilizam de completos opostos, primeiramente de falas de jovens sem alteração dos nomes e desenvolvimento da reportagem pela redação e, na segunda, expõem os nomes completos, idades e fotos das entrevistadas, em conjunto com suas histórias. Como visto em Andrade (2004) na análise da prostituição infanto-juvenil na mídia, ao expor suas identidades e fotos, as estigmatiza enquanto humanidade a ser corrigida, individualizando as trajetórias e justificando as opressões, ao desconsiderar o contexto histórico e as relações de dominação.

Concepção de sexualidade na adolescência

A sexualidade é, nas revistas *Atrevida*, tratada com bastante naturalidade, enquanto parte da "fase" vivida, sem que haja qualquer estranhamento frente ao exercício desta. Esta revista é a única que se utiliza, no último parágrafo de uma das reportagens, de um *link* que redirecionaria a página a perguntas frequentes acerca de contracepção, naturalizando o sexo para a adolescente e trabalhando, mesmo que timidamente, para o exercício "responsável" da sexualidade, ou seja, pela informatização da adolescente e o oferecimento de recursos para que exerça escolhas conscientes relacionadas ao sexo, sejam estas direcionadas à contracepção ou não.

Esta mesma naturalidade é encontrada revista *Todateen*, entretanto, somente quando o sexo está ligado a um relacionamento romântico e estável. Quando não, dentro do que chama de "ficante" e "rolo", ou seja, envolvimento mais casuais, a sexualidade recai sobre a jovem mulher enquanto decisão, "decide" transar, diferentemente dos outros casos, quando a relação sexual está pressuposta nos

relacionamentos. Ambas as posições estão presentes na revista *Capricho*, a naturalização do exercício da sexualidade pela adolescente enquanto “parte da vida”, ao mesmo tempo que a transa ocorre na tentativa de “reatar o namoro”, dando a ideia do “ceder” feminino.

Contracepção

Ao se tratar dos **métodos contraceptivos** utilizados pelas adolescentes, todas as revistas expõem claramente a situação em que estes falharam ou não foram utilizados (resultando na ocorrência da gravidez), apresentando uma visão naturalizante do uso da pílula anticoncepcional, sem apresentar seus riscos, e da negociação da camisinha enquanto deveres únicos da jovem, que se tornaria responsável pelas possíveis consequências do não uso.

Nas revistas *Atrevida* e *Todateen*, a transa como decisão feminina aparece seguida da responsabilização da jovem pelo não uso de contracepção (o que remonta à questão do “ceder” feminino), distanciada do prazer: “exija que o seu namorado, ficante ou rolo use camisinha sempre”. Uma das jovens, na revista *Capricho*, insiste que a leitora “não confie em seu parceiro, mesmo que seja seu namorado (...) também não confie em preservativos”, sugerindo que esta “se cuide” ao utilizar o método contraceptivo mais confiável – provavelmente, a pílula.

Não se pode separar aqui a questão de gênero, já que a horizontalidade suposta no relacionamento não se aplica à relação sexual, o descuido é apenas feminino pela sua falta de habilidades de negociação contraceptiva ou não uso da pílula anticoncepcional, enquanto o jovem se encontra desresponsabilizado em seu ato “impulsivo” e irracional.

A “vergonha” apresentada pela jovem ao não pedir para que o parceiro utilizasse o preservativo masculino é naturalizada, como se não houvesse uma opressão de gênero envolvida: é natural que a mulher, racional e inferior, submeta-se a esta situação, porém é esperado que esta seja contrária à situação e unicamente responsabilizada pelas consequências. Ou seja, este papel desempenhado pela jovem é grandemente ambíguo, já que a situação de sexo desprotegido está dada e é a única possibilidade apresentada pelo parceiro, porém, esta precisa ser evitada pela jovem (mesmo em meio de coerção sexual e chantagem emocional que podem estar envolvidas).

Também pode-se observar a presença de um “raciocínio mágico”, fantasioso nas revistas *Atrevida* e *Capricho*, tomando um recorte do discurso da jovem, “não me preocupava, (...) não ia acontecer comigo” e “não queria acreditar que daria azar”, enquanto ingênuo e criador da situação da gravidez – esta seria, portanto, a única a ser responsabilizada.

A questão da pílula do dia seguinte é trazida em uma única reportagem, na revista *Capricho*, que não é tomada pela jovem por medo do sentimento de “culpa” que seguiria a ingestão, denotando teor abortivo - o que demonstra pouco conhecimento sobre a ação da mesma e a culpabilização pela realização do abortamento que, apesar de muito silenciado no Brasil pela ilicitude da prática, é grandemente praticado.

De todas as reportagens analisadas, a segunda da *Atrevida* traria o único relato a culpabilizar também o parceiro pela contracepção falha, tornando o “não pensar nas consequências” um ato de responsabilidade compartilhada.

Conhecimento do corpo

O **conhecimento acerca do corpo** e o ciclo menstrual, enquanto sinais que denunciariam uma possível gestação, se mostraram bons na primeira reportagem da revista *Atrevida*, identificando atrasos na menstruação seguidos de testes para confirmação da gravidez, enquanto na segunda os sinais eram mais relacionados à ingestão de comida e identificados por outra pessoa (no caso, a mãe). Na revista *Capricho* não há menção ao atraso na menstruação, mas sintomas como sono e enjôo, identificados pela própria adolescente, que também busca testes de gravidez para a confirmação.

Na revista *Todateen*, o desconfiar da entrevistada e o capítulo “não adianta esconder por muito tempo, o seu corpo vai mostrar que você está grávida” demonstra a fácil percepção da gravidez como algo comum a todas as mulheres, em especial jovens, generalizando o autoconhecimento e o bom conhecimento do funcionamento biológico feminino como algo natural, que, como visto na revista *Atrevida* e indicado anteriormente por Kahhale (2003), nem sempre é verdadeiro, em especial para jovens com menos acesso à informação. A espera de dois meses para a busca por suporte, na segunda reportagem da *Atrevida*, por exemplo, denota um desconhecimento acerca da gravidez, seja pela possibilidade de interrompê-la, ou mesmo pela necessidade de realizar os exames pré-natais recomendados.

Reação da adolescente

A **reação das jovens** frente à gravidez, na revista *Atrevida*, não é sequer considerada na primeira reportagem, que não abre espaço para a possibilidade de uma gravidez indesejada que parta do discurso da jovem, apesar de apresentar-se claramente contra a gestação precoce: desta maneira, apresenta também sua posição pró-nascimento, que naturaliza a maternidade enquanto único desfecho da gravidez. Neste caso é interessante notar que o discurso relacionado à maternidade romantizada está presente, “estou feliz, uma criança é sempre uma alegria”, atendendo ao papel atribuído ao gênero.

Na segunda reportagem, a posição das jovens em relação à gravidez é bastante oposta, apresentando uma reação de felicidade, afinal “uma criança é sempre uma alegria”, e “vontade de sumir, morrer”, sem qualquer desejo de conceber, que é revertido ao final, pela aceitação e transformação da criança em “razão do viver”.

Ao retratar brevemente a reação das adolescentes, *Todateen* e *Capricho* consideram que a notícia sempre vem como uma “bomba” e um “choque”, deixando a adolescente “perdida”, ao considerar que a gravidez na adolescência é sempre inesperada e não planejada, enquanto sustenta a ideia de que, apesar da reação de surpresa, esta deve ser seguida pelo desejo da maternidade, não abrindo espaços para quaisquer outras alternativas.

Busca de primeiro suporte

Após a descoberta da gravidez, o primeiro contato é, nas revistas *Atrevida* e *Todateen*, direcionado à mãe ou a mulheres próximas (como melhores amigas), reforçando a noção do cuidado e acolhimento relacionados a figuras femininas, que provavelmente receberiam a questão de maneira mais segura e tranquila. É possível identificar respostas masculinas frente à gravidez extremamente negativas, que vão desde o abandono paterno e do companheiro, até o requerimento de um teste de DNA para comprovação da paternidade.

Apesar da busca do primeiro suporte ser na revista *Capricho* também voltado à figura da mãe, o apoio também está presente no parceiro, pais do parceiro e

figuras paternas das jovens, demonstrando uma posição masculina diferente frente à gravidez, em comparação às revistas anteriores. A *Atrevida* e *Todateen* apresentam reportagens mais antigas, sendo possível levantar a hipótese de uma atualização de valores ao longo do tempo, menos ligados à valorização da virgindade e mais ligados à naturalização do exercício da sexualidade pela adolescente, reconhecendo-a enquanto sujeito que ainda necessita do apoio dos pais.

Não é possível, entretanto, deixar de reconhecer o corte socioeconômico presente nesta situação, já que este apoio apenas se dá quando a concepção de adolescência enquanto período intermediário entre a infância e a idade adulta, com maior necessidade de especialização profissional, que é a concepção dominante. Jovens menos favorecidas não têm a possibilidade de viver este período da mesma maneira, onde a gravidez na adolescência provavelmente viria como uma forma de atualização dos valores adultos que se dão de maneira “precoce”, como a construção de uma família e a entrada no mercado de trabalho observada em Desser (1993).

Reação dos parceiros

A **reação dos parceiros** foi, na primeira reportagem da revista *Atrevida*, de desresponsabilização e desaparecimento, além da humilhação da jovem grávida, por meio de testes de DNA e a sugestão do aborto enquanto único meio para continuação do relacionamento. Na segunda reportagem, mais antiga, o parceiro apoia o nascimento e é presente na vida da criança, mesmo quando não mais na vida da jovem.

A “responsabilidade imensa” apresentada nos relatos da revista *Todateen* *“Estou grávida e meu namorado sempre fala que vamos morar juntos, mas, até agora, nada. Ele fala pra eu ter calma”* e *“Não sei o que fazer da minha vida. Estou grávida e o pai da criança é apaixonado por mim, porém, não consigo corresponder ao sentimento dele”* parece estar sempre ligada ao masculino, seja em conquistá-lo ou em corresponder às expectativas (no caso, amorosas) do parceiro sexual: na tentativa de conquistá-lo, a jovem requer de seu parceiro a união que parece estar relacionada ao desenvolvimento de sua vida familiar a partir da gestação, provavelmente conferindo a esta o papel “do lar”.

Além disso, seria, para a jovem, a realização de seu sonho de construir uma “família moderna”, tendo o pai do seu filho como companheiro participante dos

afazeres domésticos e do cuidado da criança. Essa expectativa, segundo Desser (1993), dificilmente torna-se realidade. Enquanto o homem retoma sua vida de solteiro a moça arca com todas as responsabilidades: pelo cuidado do filho e da casa.

O abandono do parceiro também aparece na revista *Capricho*, onde a jovem aconselha que a leitora não “confie em seu namorado” porque a gravidez não ajudou em nada no relacionamento, apesar do que esperava por “estarem no mesmo barco”. É sugerido que o relacionamento tenha terminado e o filho será criado sem a participação paterna.

A participação do pai na educação da criança está mencionada apenas em uma reportagem da revista *Capricho* onde, apesar de participante, a criança continua a ser responsabilidade da jovem mãe, quem com mora com esta. Frente ao apoio deste e de sua família, a adolescente relata ter tido “sorte”, denotando a não naturalização da participação paterna na ocorrência de uma gravidez na adolescência. O jovem parece estar em uma dinâmica mais livre e desresponsabilizada frente à situação, enquanto a necessidade de corresponder às expectativas afetivas masculinas retorna à socialização feminina que coloca o amor romântico em um lugar almejado e a família nuclear como objetivo.

Para a *Todateen* o parceiro, diferente da jovem que é sempre considerada mãe e direcionada para este papel, é colocado como um possível “futuro pai”, a depender do grau de compromisso firmado com este anteriormente. O abandono por parte do parceiro estaria justificado pela “pouca idade” (apesar de este não ser um impedimento para a maternidade da jovem) e pelo grau de compromisso que, se casual, exigiria menor responsabilização acerca da gravidez, apesar desta opção, o abandono, estar implícita também na dinâmica de relacionamento “namoro”.

Na segunda reportagem, no que se trata da comunicação da gravidez ao namorado, a jovem relata com naturalidade que este ficou “meio bravo”, mas, no mesmo dia, voltou e relatou estar feliz, sem que a “braveza” e “sumiço” sejam problematizados ou colocados como possibilidades para a jovem mulher, que necessita amadurecer rápido e assumir a criança com felicidade, o quanto antes. Isto denota também uma romantização da maternidade e a crença de que esta é própria da essência feminina e a mais alta realização da mulher, mitos criados socialmente e que não validam os sentimentos da adolescente-mãe.

Quase todos os casos apresentados estão atrelados a uma ideia de amor romântico, que serve de justificativa para o abandono do método contraceptivo como aponta Desser (1993): segundo a autora a construção da inocência para controlar a sexualidade da jovem a leva a não se responsabilizar pelo uso do método contraceptivo, o que denotaria a intenção e a programação de fazer sexo, censurada pela sociedade. Assim, a adolescente é destituída do papel de agente de sua vida sexual. A justificativa para o ato sexual, portanto, é que ela “perde a cabeça por amor”, ou que foi “tomada pela paixão”, por exemplo. A perda do seu amor é vista como parte das consequências atreladas ao engravidar, no já discutido anteriormente tom de reprimenda; ou para justificar, como na revista *Todateen*, o abandono do parceiro frente à gravidez.

Reação dos pais

A **reação dos pais** foi, em ambas as reportagens da revista *Atrevida*, de choque inicial seguido de apoio, de ambos os pais, que se sensibilizaram com a situação da jovem. Na reportagem que aborda a falta de apoio inicial da figura paterna, esta poderia estar relacionada à vida sexual ativa ou mesmo à gravidez; esta teria ocorrido por responsabilidade da jovem: exemplifica, assim, a comum responsabilização unicamente feminina pela gestação.

De maneira oposta à falta de apoio da figura paterna observada na *Atrevida*, a segunda reportagem da *Capricho* apresenta o apoio mais “tranquilo” vindo primeiramente do pai e, ao longo do tempo, da mãe, contando finalmente com o apoio dos dois em ambas as reportagens, que são mais recentes que na *Atrevida* e poderiam indicar uma mudança de valores.

Nesta segunda revista, ambas as jovens relatam que sem o apoio dos pais não seria possível o enfrentamento da gravidez, pela dependência financeira e também pela necessidade de que a criança seja cuidada por eles para que os planos da jovem possam ser concretizados; estes se tornam mais viáveis quando ela não precisa assumir uma família e uma casa, como é retratada a realidade na revista *Todateen*.

Para a *Todateen*, o diálogo com os pais é essencial e este deve se dar logo após a descoberta, “como não dá para voltar atrás”. A jovem, sugere a revista, deve assumir que “errou” e está disposta a “mudar daqui para frente”, revelando uma total responsabilização pela ocorrência da gravidez e, ao que sugere a matéria, a

mudança para uma vida destinada ao cuidado dos filhos - uma mudança de atitude que leve a jovem a retornar ao papel estipulado para seu gênero. Ela assumir a total responsabilidade pela contracepção e seus possíveis desfechos é o necessário para a resolução da questão e a conquista do apoio dos pais, inserindo-a na perspectiva de futuro para a mulher idealizada por uma sociedade machista.

Reação dos amigos

A **reação dos amigos** aparece de maneira bastante oposta na revista *Atrevida*, desde o “sumiço” e o abandono por parte destes, na primeira reportagem, até a renúncia aos amigos por parte da adolescente, que “ficaram de lado” porque as atividades típicas da adolescência “tiveram que ser deixadas para trás”.

Na revista *Todateen*, o apoio dos amigos não é abordado diretamente, mas a melhor amiga é considerada enquanto busca de primeiro suporte, o que sugere a possibilidade de contar com esta, ao menos na descoberta da gravidez; porém, por se tratarem de momentos diferentes, não é possível saber qual seria a reação e possível apoio destes durante a maternidade. Na revista *Capricho*, o assunto não é abordado em nenhum momento.

Reação social

A **reação social** frente à gravidez foi, na maior parte das reportagens, de preconceito, fofocas e “olhares tortos”, frente à suposta prematura iniciação sexual da jovem e a gravidez precoce. Esta vexação naturalizada nas revistas *Atrevida*, *Todateen* e *Capricho*, parece estar muito ligada novamente ao gênero feminino e às expectativas de maternidade que devem ocorrer em um certo momento da vida.

A *Todateen*, entretanto, traz um novo tipo de vexação, feita pelos pais do jovem, que a podem chamar de “interesseira, oportunista, criança e irresponsável”, que a revista considera como besteiras; no entanto, é importante considerar o caráter machista destas afirmações, comuns e esperadas segundo a revista.

Desfechos da gestação

O **desfecho da gestação**, como já relatado, é naturalizado pela revista *Atrevida* enquanto maternidade; entretanto, é interessante observar que a temática do aborto aparece na versão mais recente, talvez por se tratar de algo mais

discutido, enquanto na versão mais antiga a temática não aparece como possibilidade; a gravidez indesejada pela da jovem, sim. É possível criar a hipótese do jogo de palavras utilizado pela mídia, para evitar uma reação que a possibilidade do aborto enquanto realidade próxima causaria em relação a uma gestação indesejada: aparece apenas para não ser sequer considerado pela jovem.

Por se tratar de uma revista direcionada ao público das classes A e B, a realidade de um aborto ilegal mais seguro é bastante próxima, o que pode abrir espaço também para a coerção masculina para a sua realização (o que não tira a possibilidade desta coerção em classes mais baixas: apenas se coloca como uma possibilidade mais segura de sobrevivência). Retornamos à falta de possibilidades apresentadas às jovens que, quando se vêem grávidas, se encontram em um caminho sem volta, cujo único desfecho possível é a maternidade. Desta maneira, parece mais “natural” que aceite o bebê, mesmo sem desejá-lo, do que encontre formas para não tê-lo.

Já, pela revista *Todateen*, a única possibilidade de desfecho sequer mencionada é a maternidade, que está colocada logo após a descoberta da gravidez, visto que “não dá pra voltar atrás” e considerando que “maternidade é, sim, uma benção, uma coisa maravilhosa na vida de uma mulher”, romantizando este acontecimento e naturalizando-o, remontando a ideia de instinto e amor materno essenciais à vida de uma mulher.

Para a revista, a possibilidade de abortamento não é apenas ignorada mas culpabilizada, por meio de um discurso que desconsidera as reais possibilidades de futuro da jovem: “não tem outro jeito, você precisa assumir esse filho, seja como for”, afinal, “ele não tem culpa de nada e merece seu carinho”. Assim, mesmo sem as condições materiais, sociais ou psíquicas para assumir o filho, “seja como for”, é necessário que a jovem o faça, já que a “culpa” do ato consumado não seria dele (e sim da adolescente, como sugere a revista que, apesar de naturalizar o exercício da sexualidade, carrega em seu discurso a lógica moralista e conservadora que o culpabiliza).

O desfecho da gestação, em ambas as reportagens da revista *Capricho*, está ligado à maternidade naturalizada, porém menos romantizada que na *Todateen*, trazendo as diversas mudanças vividas pelas jovens de maneira mais imparcial. Na segunda reportagem, a adolescente traz que “não se arrepende em nenhum momento de não ter tomado a pílula”, e apenas consegue pensar em “planejar o

futuro ao lado dele" (seu filho). Entretanto, sugere de forma contraditória para as leitoras que não "confie no seu parceiro (...) também não confie em preservativos (...), use sempre um método contraceptivo com menos chances de dar errado", trazendo o teor negativo resultante da gravidez na adolescência, de maneira encoberta pela maternidade inesperada mas desejada. A possibilidade de aborto não é mencionada pela revista.

Apoio próximo para manutenção dos estudos

Enquanto **apoio próximo para manutenção dos estudos**, jovens da primeira e segunda reportagem da *Atrevida* tiveram, como pressuposta, a educação básica garantida e o cuidado doméstico por parte da mãe, que leva a criança nos intervalos da escola para amamentação ou cuida dela nos períodos não dedicados à escolaridade. Em ambas as reportagens, porém, foi trazido o abandono dos estudos, permanente e temporário, ocasionado pela responsabilização majoritária da jovem pelo cuidado de seu(sua) filho(a), sem grandes possibilidades de retorno à escola.

Já na revista *Capricho*, as adolescentes tiveram a oportunidade de terminar o ensino básico e entrar no ensino superior, ou ao menos tê-lo enquanto perspectiva de futuro próximo, porém em duas situações financeiras claramente distintas: na primeira reportagem a jovem pôde ingressar no ensino superior, dedicando parte do dia à maternidade (sem a aparente necessidade de trabalhar) e a noite aos estudos, momento que seu filho passa, provavelmente, na companhia de seus avós ou pai, que parece também estar presente; e na segunda reportagem a adolescente relata receber um apoio fundamental dos pais, porém parece estar inserida em um ambiente em que necessitou trabalhar mesmo antes da conclusão do Ensino Médio, que continua a cursar.

O lugar ocupado pela mulher, nas famílias, está sempre relacionado ao cuidado da casa, seja anterior à gestação, onde a responsabilidade das mães e jovens na revista *Todateen* eram relacionados a "colocar o café da manhã" e o auxílio nas "tarefas de casa", ou após o nascimento, onde o papel feminino não é transformado: há uma naturalização da ocupação do âmbito privado, tornando o apoio para o término dos estudos e conquista de novos espaços por meio do estudo mais incomum e reservado para jovens com melhores condições financeiras, que podem contar com o auxílio pago de, em geral, outras mulheres para que realizem este cuidado.

Planos de futuro

Os **planos de futuro idealizados**, na maior parte das entrevistas da *Atrevida* e *Capricho*, seguem um modelo burguês de família nuclear e carreira, posicionando a chegada de um bebê após o término dos estudos e a construção de uma carreira profissional possibilitada pelo término do ensino básico e superior. Este modelo burguês de família não pôde ser concretizado devido ao término dos relacionamentos e à não participação do pai da criança em seu futuro da criança. Esta dinâmica não aparenta causar estranhamento, pela naturalização do abandono paterno enquanto possibilidade viável de desfecho frente a uma gravidez não planejada.

A revista *Todateen* não apresenta planos de futuro idealizados, apenas concretos após a descoberta da gravidez.

Os **planos de futuro reais** na revista *Atrevida*, após a chegada do bebê, vão desde o retorno à escola para término do ensino básico e entrada no superior, na “luta pelo tempo perdido” para começar a trabalhar, até o “abrir mão” de sonhos para cuidado dos filhos e da casa, posicionando a jovem no lugar tradicional esperado para o gênero feminino: a responsabilidade pelo cuidado do âmbito privado. Aborda o postergar dos estudos superiores e do sonho de ser aeromoça: neste momento é possível hipotetizar que a renda familiar seja mais elevada, pela possibilidade de manter-se solteira, morando com os pais sem trabalhar. Além disso há a consideração do acesso ao ensino superior, que é acessível a apenas uma pequena porcentagem da população do país.

Observamos também na revista *Capricho* estes cortes pela renda, que permitem para uma das entrevistadas, diante do apoio relacionado aos estudos e a não necessidade de trabalhar, a manutenção de seus planos de futuro, que foram apenas remanejados para englobar a maternidade durante o dia. A segunda entrevistada traz um lugar intermediário entre a realidade vivida pela primeira e a realidade descrita abaixo da *Todateen*, que alia a maternidade e o trabalho pela necessidade financeira, mas não menciona o cuidado com a casa, que aparentemente é atribuição da avó da criança.

Na revista *Todateen*, entretanto, depara-se com uma realidade que traz a ideia de jornada tripla, aliando trabalho, estudo e cuidado da casa e dos filhos, tendo o último enquanto prioridade. É possível realizar um novo tipo de recorte de classe, que considera novas realidades de maternidade e vivência da vida adulta, reflexo do

amadurecer “na marra” da mulher, elucidado pelo subtítulo: “de filha a mamãe e dona de casa”. Desta maneira, não considera a entrada no ensino superior ou o término dos estudos, afinal, “quando você tem uma família, você vive pra isso”, se tornando responsável por todas as tarefas de casa e do cuidado do marido, considerando: “deixar de estudar e curtir a vida como fazia antes; tudo isso vem junto no pacote da gravidez precoce”.

Conclusões

As **conclusões** apresentadas em todas as entrevistas da Atrevida são colocadas de modo a comunicar que a maternidade é desejada e prazerosa, romantizando-a, porém, deve se dar no momento certo (que não é durante a adolescência). Para isto, é necessário prevenir e “proteger-se”, localizando a maternidade apenas após “estudar, trabalhar e casar”, enunciando desejos bastante conservadores e burgueses de futuro. Na Todateen, a romantização acerca da maternidade se coloca de maneira mais intensa, porém, novamente ambígua: considera que há como evitar, “por isso, se cuidem e evitem”, entretanto, para S., “hoje o que importa é o P. (seu filho)”.

Para a revista Capricho, a maternidade não apresenta teor definido, mas tende a provocar mudanças que adiam planos e sobrecarregam as adolescentes, encobrando a noção de gravidez precoce e indesejada. Entretanto traz, na segunda reportagem, a maternidade (apesar de não planejada) enquanto perspectiva de futuro para a adolescente, que “não consegue pensar em outra coisa a não ser planejar meu novo futuro ao lado dele (seu filho)”, única matéria que abre espaço para a escolha da maternidade enquanto projeto de futuro, e não enquanto fim indesejado de um descuido, ou acidente.

A revista preocupa-se também em lembrar os números de gravidezes não planejadas todos os anos, procurando afastar o raciocínio chamado “mágico”, dizendo: “E por mais que a gente pense: ah, isto nunca vai acontecer comigo, toda garota conhece (...) uma amiga da amiga que ficou grávida”.

Especialistas convidados

Quanto à apresentação de **especialistas convidados**, estes aparecem no final de ambas as reportagens da Atrevida de maneira a validar o argumento da

gravidez precoce, seja por meio de dicas de prevenção da gravidez ou por meio de uma profissional da saúde reprodutiva feminina, que deixa o tom trágico que a matéria pareceu querer transmitir: gravidez na adolescência é uma “roubada” que deve ser evitada, sem abrir mão da maternidade como um todo, já que esta é esperada ao longo da vida, em conjunto com os estudos e uma carreira. A médica consultada se utiliza de diversos argumentos para deslegitimar a ocorrência da gravidez, inclusive psicologizantes, como o desejo inconsciente de “ser mãe”. Desta maneira, perpetua a imagem de adolescência estereotipada, cujos motivos para gravidez devem decorrer de um raciocínio superpoderoso, a entrada inconsequente no mundo adulto e necessidade de chamar a atenção, que nem sempre funciona da maneira que esta espera.

De maneira a encerrar a matéria, na *Todayteen* os subtítulos “cuide-se!” e “prevenção é tudo” abordam o tema dos cuidados em saúde como pré-natal e anticoncepção após o nascimento. Ao dialogar com a adolescente, prevê que esta, “muitas vezes, pode pensar que a camisinha é um mero detalhe” remontando a infantilização da jovem ou o raciocínio mágico e fantasioso que pode permear seu pensamento, porém relata auxiliar na proteção contra DSTs e “todos os problemas citados nesta matéria”, decorridos da gravidez precoce.

Em outra reportagem, a fala de uma psicóloga é utilizada de maneira a demonstrar a importância do apoio dos pais da jovem, para que esta possa entender e valorizar a “vida que está dentro dela”, remontando ao discurso pró-nascimento encontrado em ambas as revistas, que humaniza o feto e pode criar um sentimento de culpa caso não haja o desejo de conceber. Também considera que o preconceito e a falta de liberdade são comuns e esperados diante da transição menina-mulher, que dificulta as relações de amizade que possuem outras prioridades, como paqueras e baladas.

É interessante perceber como a psicologia pode atuar para naturalizar e sustentar ideologias, mais interessada em justificar o “desvio” do que seria uma adolescência normal e ideal (no caso, baseada no desenvolvimento dominante, sem uma gestação) do que em oferecer, para os pais e a adolescente, recursos para lidar com esta situação de maneira ativa, sem julgamentos. Desta maneira, individualiza a questão, veiculando discursos machistas e psicologizantes que infantilizam e estigmatizam a jovem.

A revista Capricho não se utiliza de convidados, apenas menciona a Organização Mundial da Saúde, para ilustrar o número de gravidezes entre 15 e 19 anos anualmente no mundo para justificar a importância da temática da reportagem.

4.1 Discussão

A análise qualitativa das reportagens demonstrou posições similares entre as três revistas para o público adolescente de maior tiragem, *Capricho*, *Atrevida* e *Todateen*, ao considerar a adolescência enquanto fase natural da vida, descrever características dicotômicas de gênero e papéis claramente estabelecidos, além de considerar a gravidez na adolescência enquanto problema social precoce que, quando ocorrido, não possui outro desfecho senão a maternidade. É possível concluir que há, nas revistas consideradas, um conteúdo latente que transmite uma posição conservadora e ideológica que justifica e sustenta relações de poder e de dominação por meio da mídia, atendendo à noção de ideologia construída por Thompson (1995).

Esta ideologia funciona neste caso de diversas maneiras, como por exemplo: ao atribuir características naturalizadas às adolescentes, desvalorizando a autonomia de suas decisões, vistas de maneira infantilizada; ao atribuir a contracepção e a responsabilização de uma gestação apenas à mulher; a atribuição da jovem ao ambiente privado como único desenrolar de uma gravidez, voltando-se à concepção histórica e ideológica de instinto e amor materno; entre outras.

Ao veicular este tipo de discurso ideológico, a mídia retira das jovens seus contextos sociais e econômicos, que trazem distintas possibilidades, inclusive de futuro, para diferentes cortes da sociedade: sejam eles de gênero, de raça ou econômicos. A transmissão destas ideias ignora a historicidade ligada ao fenômeno da gravidez na adolescência e a experiência de vida das jovens, culpabilizando-as individualmente em uma perspectiva liberal e meritocrática que, por meio do esquecimento do social no individual, sustenta a concepção de que os privilégios da sociedade moderna são justos (SOUZA, 2009).

Assim as revistas, em diálogo com a jovem, justificam a exclusão da adolescente grávida, observada na sociedade pela falta de apoio para conclusão dos estudos e discriminação no mercado de trabalho, e presente nos relatos pela adição a estas últimas do abandono dos amigos e a vexação nas ruas. Esta exclusão também aparece, na pesquisa, justificada por meio de especialistas, inclusive da psicologia, que naturalizam a “fase” e transmitem um discurso ideológico (quando não reducionista) relacionado à gravidez na adolescência, mais preocupado com a especulação acerca dos motivos que levaram ao “desvio” da adolescência ideal do que em oferecer recursos para lidar com o fenômeno.

A naturalização da adolescência, enquanto fase natural do desenvolvimento marcada pela oposição, falta de controle, indecisão, entre outras (BOCK, 2007), constituiria um abandono da perspectiva histórica significada pela instituição do capitalismo e a destituição do papel ativo de sujeito nesta história constituída por ele e que o constitui, dialeticamente (KAHHALE, 2009). Desta maneira, nas revistas, o papel ativo da adolescente enquanto sujeito se mostra muito enfraquecido, concordando com as características estereotipadas da “fase”, tornando suas decisões frente à sexualidade e a uma gestação pouco legítimas.

Na análise de Santos & Silva (2008), as revistas abrem espaço para diversos tipos de ser jovem mulher, porém parecem veicular apenas um tipo de masculino ideal. Entretanto, além do masculino ideal, a presente pesquisa considera que é veiculado também e principalmente um feminino idealizado, que atende a padrões de feminilidade - tanto na aparência quanto no agir - e papéis de gênero estipulados que sustentam uma sociedade patriarcal: atender a características ligadas à docilidade e à fraqueza, limitando-se a ser um outro subordinado, reservando às mulheres o espaço do cuidado privado.

Apesar de observar um tipo ideal de adolescência veiculado e tido como ideal pela revista, para ambos os gêneros, a pesquisa concorda com Santos & Silva (2008) quando considera que esta veiculação específica de papéis se mostra prejudicial pela potencialidade de restrição de modos de ser femininos e masculinos mais enriquecedores e descolados das expectativas tradicionais, interferindo na vivência de relações mais saudáveis e satisfatórias para ambos os gêneros.

Ao infantilizar a jovem e subjugar seus conhecimentos acerca da contracepção, as matérias abordam a adolescente de maneira vertical e acusadora, além de desligar totalmente a questão da contracepção da questão de gênero. Esta não é abordada de maneira a estimular que a adolescente exerça a sexualidade de maneira prazerosa e responsável, mas de maneira ideológica ao considerar a gravidez na adolescência sempre precoce, distanciada do desejo e enquanto problema social.

Frente a uma gravidez não planejada, a depender das condições financeiras da adolescente - que na maioria das vezes ainda é financeiramente dependente de seus pais ou de seu parceiro amoroso - não lhes restam muitas opções quanto ao desfecho, e talvez nesta perspectiva as revistas adolescentes façam sentido em considerar, enquanto única possibilidade, a maternidade. Entretanto, resta-nos

questionar quanto aos sentimentos trazidos pelo acontecimento e o único desenrolar possível (e legal), que resultará em uma mudança radical em suas relações amorosas, familiares e de amizade, além da necessidade de evasão escolar e suspensão dos estudos nas classes menos favorecidas.

A realização do abortamento é ilícita no Brasil, entretanto, a ilicitude da prática não coíbe a sua realização e são em especial as mulheres mais pobres e com menor escolaridade que se submetem ao procedimento de maneira insegura (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009), em contraposição às jovens com melhores condições financeiras que, além do maior alcance aos métodos contraceptivos, podem abortar de maneira mais segura.

Esta realidade funciona de modo a atribuir às mulheres diferentes possibilidades de escolher ou não o desfecho de sua gravidez de modo mais protegido de acordo com suas condições mais ou menos favorecidas (PILECCO, KNAUTH & VIGO, 2006), apesar de adolescentes de todas as realidades econômicas mostrarem o desejo de abortar, entrecortado pelas classes sociais que dão real acesso ao procedimento (DESSER, 1993). De acordo com a pesquisa GRAVAD de Heilborn, realizada em 2006, durante todas as gravidezes na adolescência não planejadas ficam evidenciadas questões geracionais, em que os desejos dos jovens e dos seus pais quanto à decisão de levar a gestação a termo podem diferir agravando os conflitos. Entretanto, as jovens sabem que dificilmente viabilizarão um aborto sem a ajuda dos familiares, mesmo em famílias da classe média, que têm maior acesso aos recursos financeiros (BRANDÃO, 2006).

Ao realizar um breve recorte de raça, que não é levado em consideração nas mídias impressas de grande tiragem voltadas a este público e analisadas na presente pesquisa, Santos (2003) percebeu que as temáticas trazidas pelos jovens negros e brancos eram bastante próximas, como masturbação, virgindade, gravidez, aborto, contracepção, entre outros. Entretanto, não se pode generalizar as experiências dos jovens, visto que os jovens negros trazem vivências de discriminação, marginalização, além de dificuldades na autovalorização, fator que pode estar relacionado à participação com sujeito ativo do prazer e da sexualidade.

Por este não ter sido um recorte realizado pelas revistas é possível inferir que, além de uma perspectiva naturalizadora da fase da adolescência, estas mídias preocupam-se em atribuir a esta um modelo ideal a ser seguido, que tem como referência a jovem branca, de classe média (e alta). Esta jovem atenderia a padrões

de feminilidade e não engravidaria “antes da hora”, atribuindo também ao gênero feminino o papel futuro de mãe que, mesmo quando interpretado nesta idade, é inapropriado quando visto por uma perspectiva ageísta¹¹. As revistas preocupam-se também em veicular padrões tradicionais de relação que envolvem a valorização da heterossexualidade, de relacionamentos estáveis e monogâmicos, além da perpetuação do amor romântico.

A questão da “precocidade” da gravidez na adolescência também não pode ser distanciada da cultura de consumo em que a jovem brasileira está inserida, onde precisa exercer um papel de produção que antecipa e muitas vezes se mostra antagônico à realidade da maternidade, diante das novas expectativas criadas para as jovens em relação à escolarização e profissionalização.

Ao considerar alternativas frente a esta questão, tendo em vista as diferentes perspectivas e condições sociais citadas frente à sexualidade, é preciso que haja o investimento em melhores condições de saúde e programas de contracepção destinados para adolescentes, creches para jovens com filhos pequenos (para lutar contra a evasão escolar) e mercado de trabalho disponível, para que a lógica de porta de entrada para a pobreza seja inteiramente alterada, em especial para mulheres em camadas mais vulneráveis (KNAUTH, 2006).

Ainda de acordo com a autora, ao se levar em conta a escola, não seria o bastante apenas informar sobre o funcionamento sobre órgãos reprodutores e métodos contraceptivos disponíveis para a prevenção de DSTs e gravidez, e sim se dirigir ao relacionamento para o convívio com a diversidade de cor, raça, gênero, cultura e orientação sexual, sem naturalizar estereótipos de gênero. Assim, quanto mais preparados para a reflexão e discussão de diferentes situações que possam encontrar relacionadas à sexualidade, mais preparados os jovens se encontram para enfrentar desafios que vão muito além da iniciação sexual.

É importante ressaltar que a igualdade de gênero é essencial na discussão voltada para a educação sexual e saúde reprodutiva dos jovens, no sentido de romper com determinantes que se colocam além do âmbito individual como, por exemplo, o julgamento moral acerca de uma jovem que carrega um preservativo na bolsa para a eventualidade de uma relação sexual (KNAUTH, 2006).

¹¹ O termo ageísta aqui cunhado provém do inglês *ageist*, significando a demonstração de preconceito ou discriminação baseado apenas na idade de uma pessoa. No caso, a demonstração desta discriminação se dá por meio de uma infantilização da jovem, que é tomada como irresponsável e incapaz de assumir papéis importantes.

É necessário também considerar o recorte de classe que, como visto anteriormente, traz a gravidez e a formação de uma família enquanto possibilidade de projeto de vida, frente a uma impossibilidade de ascensão social por meio dos estudos disponíveis, o baixo acesso ao ensino superior, a jornada dupla dos que se dividem entre estudos e trabalho para auxiliar na renda familiar e o pouco espaço no mercado de trabalho para os jovens que não possuem as mesmas oportunidades de estudos que a classe dominante. Desta maneira, aliando a expectativa do papel da mulher enquanto mãe e cuidadora às possibilidades de futuro disponíveis para a mulher pobre, o desejo da maternidade é legítimo e deve ser considerado.

Se mostra importante reconhecer as diferentes perspectivas da adolescência identificadas em um recorte de raça e classe, que experienciam e significam a sexualidade e a gravidez de maneiras distintas e devem ser levadas em conta, em especial em um país marcado por seu passado escravocrata tão presente nos dias atuais na forma do racismo e a disparidade de renda tão significativa que coloca, em 2016, o Brasil em 79º lugar no ranking mundial de índice de desenvolvimento humano¹² (UNPD, 2016).

Quando se empoderam famílias e comunidades com o acesso à informação e serviços que estes precisam para decidir responsabilmente sobre a vida sexual e reprodutiva, criam-se comunidades mais justas e sustentáveis (International Planned Parenthood Federation, 2012), inclusive quando esta decisão seja a da maternidade na adolescência.

¹² Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): Um índice composto para a avaliação de conquistas de diferentes países nas dimensões básicas de desenvolvimento humano – uma vida longa e saudável, medida pela expectativa de vida ao nascer; a aquisição de conhecimento, medida pela média de anos de escolaridade e a expectativa de anos de estudo; e a conquista de um padrão decente de qualidade de vida, medido pela receita bruta de renda por pessoa (p. 25, UNPD, 2016).

5. Considerações Finais

Ao analisar reportagens direcionadas ao público adolescente, a presente pesquisa se propôs a identificar a maneira em que a temática da gravidez na adolescência era abordada por estas mídias impressas. Preocupou-se com a identificação de uma posição ideológica que concorda com Thompson (1995) ao considerar, na mediação da cultura, “o sentido a serviço do poder” e como a informação pode ser utilizada de modo de justificar e perpetuar relações de dominação.

No caso da gravidez na adolescência, o sentido mediado pelos meios de comunicação pode ser permeado por diversos tipos de opressão, como de raça, classe e gênero, individualizando a questão e tomando a jovem enquanto única “culpada”, em uma cultura em que estas gestações são consideradas “precoces” e um “problema social” ao envolver, em primeiro lugar, a área da saúde, despreparada para informar e atender esta adolescente; também dizem respeito à área da educação e às altas taxas de evasão escolar; e à área econômica, pois a gravidez na adolescência pode se constituir como uma “porta de entrada” para a pobreza.

A pesquisa procurou também manter-se crítica em relação ao discurso ideológico também possivelmente apresentado pela pesquisa científica, ao ilustrar diversos lados dos argumentos apresentados pelos dados observados. Por meio de uma extensiva investigação bibliográfica acerca da gravidez na adolescência no Brasil, foi possível obter uma compreensão histórica, quantitativa e qualitativa acerca da representatividade da questão em diversos âmbitos e o que pode ser realizado frente a ela.

As reportagens analisadas apresentam uma abordagem de gênero claramente dicotômica, que funciona de maneira a atribuir características estereotipadas para os gêneros feminino e masculino. Estas especificidades também se colocam nas perspectivas de futuro esperadas, importantes ao se tratar da temática da gravidez na adolescência, que estão colocadas nas revistas consideradas.

A gravidez na adolescência é considerada como um desvio da expectativa ideal de juventude, que está ligada à concepção dominante e é compartilhada pelo público para o qual as revistas estão direcionadas. Desta maneira, preocupando-se em atenuar o desvio, propõem a obrigatoriedade do desejo e realização da maternidade por parte das jovens, que assumem a total reponsabilidade pela

contracepção e as possíveis consequências decorrentes, em especial, do não-uso desta. É possível identificar o teor negativo das reportagens, que se utiliza de casos reais para chocar as leitoras, tomadas enquanto irresponsáveis e impulsivas devido à “fase da vida”. A possível vexação decorrente da gestação é naturalizada, inclusive em discursos médicos e psicológicos e os planos de futuro idealizados devem ser abandonados e substituídos pelo cuidado da casa e dos filhos.

Assim, é possível concluir que as revistas *Capricho*, *Atrevida* e *Todateen*, ao tratar da temática da gravidez na adolescência, apresentam um conteúdo latente que reafirma a noção de ideologia de Thompson (1995) e funciona de maneira a justificar e perpetuar relações de opressão.

É preciso abandonar a perspectiva machista de que há a necessidade inata nas mulheres de serem mães e cuidadoras, mesmo quando a gravidez se dá de maneira indesejada, e da perspectiva ageísta, de que há um momento certo para experimentar a gravidez (e a maternidade) e este não está atrelado à adolescência, período marcado, de acordo com o senso comum, pela rebeldia, falta de controle e julgamento prejudicado.

Durante a realização do TCC pude me surpreender positivamente com a imensa quantidade de trabalhos que abordam a adolescência e negativamente com a perspectiva ageísta e ideológica que está presente também no discurso científico, ao focalizar a juventude. A temática da gravidez na adolescência está presente também em revistas destinadas ao público adulto, porém, em muito menor quantidade e parece apresentar pouca significância.

As revistas adolescentes, apesar de abordar a temática mais frequentemente, oferecem poucos ou nenhum recurso para lidar com a gestação, além de mostrar poucas perspectivas de futuro em relação a esta, o que deixa uma forte sensação de encurralamento. Desta maneira, sugeriria que mais pesquisas fossem realizadas analisando este meio de comunicação, observando como outras temáticas são retratadas, preocupando-se com a qualidade nas informações que são transmitidas para este público.

Surpreendi-me, também, com a posição da psicologia nas reportagens, ao ocupar-se mais da investigação das razões da gravidez do que em oferecer recursos para lidar com ela, sem pré-julgamentos, enquanto interlocutora das jovens para auxílio nas decisões que poderia contribuir para que os padrões conservadores se transformassem. Sugeriria também que esta inserção da psicologia nas mídias

pudesse ser analisada, para investigar qual a posição veiculada pelos grandes veículos de comunicação e incorporada pelo grande público.

6. Referências Bibliográficas

ABRIL. *Audiência Geral CAPRICHOS e mídia kit*. São Paulo: Ed. Abril, 2016. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/capricho>> Acesso em 03 out. 2016.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de et. al. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M. (Org.) *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de, OZELLA, Sergio. Apreensão do sentido: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *R. Bras. Est. Pedag.* Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322. Janeiro/Abril. 2013.

ANDRADE, Leandro Feitosa. Prostituição infanto-juvenil na mídia: estigmatização e ideologia. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2004.

ANER. Associação Nacional de Editores de Revistas. *Fact Book: a força do meio revista*. São Paulo, 2015. Disponível em: < http://aner.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Factbook_2015_Site-FINAL.pdf> Acesso em 03 out. 2016.

AQUINO, Estela M. L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. S377-S388, Janeiro. 2003.

AQUINO, Estela M. L. et al. Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada. In: HEILBORN, Maria Luiza, et al (Org.) *O aprendizado da sexualidade: um estudo sobre reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

ATREVIDA. *Mídia kit Atrevida*. São Paulo: Ed. Escala, 2016. Disponível em: <<http://midiakit.escala.com.br/atrevida/>> Acesso em 03 out. 2016.

BADINTER, Elisabeth. O conflito: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair (Org.) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

BOCK. Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 63-76. Janeiro/Junho. 2007.

BORGES, Ana Luiza Vilela. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. *Rev Esc Enferm USP*. São Paulo, v. 41, n. 4, p. 597-604. 2007.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1421-1430, Julho. 2006.

BRANDÃO, Elaine Reis. Gravidez na Adolescência: um Balanço Bibliográfico. In: HEILBORN, Maria Luiza, et al (org.) *O aprendizado da sexualidade: um estudo sobre reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Art. 2º. Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 9 abr. 2016.

BRASIL. Lei nº 9.263 de 12 de Janeiro de 1996. Art. 2º. Para fins desta Lei, entende-se planejamento familiar como o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9263.htm> Acesso em: 9 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. *A Aids no Brasil*. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 52 p. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf> Acesso em: 10 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. *20 anos de pesquisas sobre aborto no Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 72 p. Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/livreto.pdf>> Acesso em: 8 abr. 2016.

BRETAS, José Roberto da Silva et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, Julho. 2011.

CAVASIN, Sylvia; ARRUDA, Silvani. *Prevenir é Sempre Melhor*. Coordenação Nacional de DST e Aids – 1ª ed., Brasília: Ministério da Saúde, 2000. 93 p. Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/157prevenir.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1998.

DADOORIAN, Diana. Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia, ciência e profissão*. Brasília, v. 23, n.1, p. 84-91, Mar. 2003.

DESSER, Nanete A. *Adolescência, sexualidade e culpa: um estudo sobre a gravidez precoce nas adolescentes brasileiras*. Brasília, DF: Edunb, 1993.

DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, William B.. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estud. psicol. (Natal)*. Natal, v. 4, n. 1, p. 79-106, Julho. 1999.

DIAS, Acácia Batista; AQUINO, Estela M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 22, n.7, p. 1447-1458, Julho. 2006.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo. Itinerários e métodos do aborto ilegal em cinco capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 17, n.7, p.1671-1681. Setembro/Outubro. 2012.

FÁVERO, M.H. & MELLO, R.M. Adolescência, Maternidade e Vida Escolar: A Dificil Conciliação de Papéis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 13. n.1, p.131-136. Janeiro/Abril.1997.

GONÇALVES, Maria da Graça M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da

Graça M.; FURTADO, Odair (Org.) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Maria da Graça M. Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: OZELLA, Sergio (Org.) *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

GONÇALVES, Maria da Graça M; BOCK, Ana Mercês Bahia. A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M. (Org.) *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.

HEILBORN, Maria Luiza. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. Experiência de Sexualidade, Reprodução e Trajetórias Biográficas Juvenis. In: HEILBORN, Maria Luiza, et al (org.) *O aprendizado da sexualidade: um estudo sobre reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza et al. *Gênero e carreiras sexuais e reprodutivas de jovens brasileiros*. In: Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 15., 2006. Caxambu. Caxambu: ABEP; 2006. p. 21.

HEILBORN, Maria Luiza et al. Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde. Material oriundo da Pesquisa GRAVAD "Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil". *Gravidez na adolescência e sexualidade: uma conversa franca com educadores e educadoras*. Rio de Janeiro: CEPESC/REDEH, 2006. 47p.

INTERNATIONAL PLANNED PARENTHOOD FEDERATION. *Rio+20: sustainability, sex and keeping it simple*. Londres, Jun. 2012. Disponível em: <<http://www.ippf.org/news/Rio20-sustainability-sex-and-keeping-it-simple>> Acesso em 29 abr. 2016

KAHHALE, Edna M. P. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair (Org.) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

KAHHALE, Edna M. P. Gravidez na adolescência: orientação materna no pré-natal. In: OZELLA, Sergio (Org.) *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

KAHHALE, Edna M. S. P.; ROSA, Elisa Zaneratto. A construção de um saber crítico em psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M. (Org.) *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.

KNAUTH, Daniela et al. Sexualidade juvenil: aportes para as políticas públicas. In: HEILBORN, Maria Luiza, et al (org.) *O aprendizado da sexualidade: um estudo sobre reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M.V. (Org.) *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. Ação educativa: Programa de juventude*, 2005. p. 9-18. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>> Acesso em 16 mai 2016.

LIMA, Fernanda Cristina Aguiar et al. A experiência e atitudes de adolescentes frente à sexualidade. *O Mundo da Saúde*. São Paulo, v.37, n.4. p. 385-393, Outubro. 2013.

MELSERT, Ana Luisa de Marsillac. *A dimensão subjetiva da desigualdade social: um projeto de futuro de jovens ricos e pobres*. São Paulo, 2013. 193p. Dissertação (Mestrado em

Psicologia Sócio-histórica) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOREIRA, Thereza Maria Magalhães et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Rev. esc. Enferm. Da USP*. São Paulo, v. 42, n.2, p. 312-320, Junho. 2008 .

MOTA, Rosana Santos. *História oral de adolescentes grávidas em situação de violência doméstica*. Salvador, 2012. 115 p. Dissertação (mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia.

NAZARETH, Leila. O discurso da mídia sobre a adolescente grávida: uma análise da ideologia. São Paulo, 2004, 187p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, Camila Fernandes de. *Os ídolos nas revistas "teen": uma análise de Atrevida, Capricho e Todateen*. Bauru, 2012. 211p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

OLIVEIRA, Régia Cristina. Adolescência, Gravidez e Maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. *Saúde e Sociedade*, v.17, n.4, p. 93-102, 2008.

PILECCO, Flávia Bulegon; KNAUTH, Daniela Riva; VIGO, Álvaro. Aborto e coerção sexual: o contexto de vulnerabilidade entre mulheres jovens. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 27, n.3, p. 427-439, Março. 2011.

REIS, Cássia Barbosa; SANTOS, Nayana Rosa dos. Relações desiguais de gênero no discurso de adolescentes. *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, p. 3979-3984, Outubro. 2011.

ROCHA, Ricardo Cristiano Leal da et al. Prematuridade e baixo peso entre recém-nascidos de adolescentes primíparas. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*. Rio de Janeiro, v. 28, n.9, p. 530-535, Setembro. 2006.

ROSEMBERG, F., ANDRADE, MP. Infância na mídia brasileira e ideologia. In: Mídia, poder e subjetividade. JACÓ-VILELA, AM., SATO, L. (Orgs.) *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 285-307. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-19.pdf>> Acesso em: 03 out. 2016

SANTINI DE ALMEIDA, M. A. Gravidez adolescente: a diversidade das situações. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Rio de Janeiro, v.19, n.2, Julho/Dezembro. 2002.

SANTOS, Daniela Barsotti; SILVA, Rosalina Carvalho da. Sexualidade e Normas de Gênero em Revistas para Adolescentes Brasileiros. *Saúde e Sociedade*, v.17, n.2, p. 22-34, 2008.

SANTOS, Maria José Pereira dos. Adolescentes negros: o significado da escolha do parceiro afetivo e sexual. In: OZELLA, Sergio (Org.) *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Rebeca de Souza e. Especulações sobre o papel do aborto provocado no comportamento reprodutivo das jovens brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Rio de Janeiro, v.19, n.2, Julho/Dezembro. 2002.

SILVA, Emanuelle; TORRES, Roberto; BERG, Tábata. A miséria do amor dos pobres. In: SOUZA, Jessé (Org.) *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. Senso comum e justificação da desigualdade. In: SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TABORDA, Joseane Adriana et al. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. *Cad. Saúde Colet.*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 16-24. Março. 2014.

TAQUETTE, Stella R. Sobre a gravidez na adolescência. *Saúde e sociedade*. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-26. 2008.

TEIXEIRA, Ana Maria Ferreira Borges et al. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 22, n.7, p. 1385-1396, Julho. 2006.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TODATEEN. *Todateen mídia kit*. Bauru: Alto Astral Comunicação, 2016. Disponível em: <<http://altoastralcomunicacao.com.br/aprova/midiakit/todateen.swf>> Acesso em: 03 out. 2016

TUZZO, Simone A.; BRAGA, Claudomilson F. Pesquisa qualitativa: uma possibilidade de triangulação por métodos, fenômenos e sujeitos. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 4., 2015, Aracaju. *Investigação qualitativa em ciências sociais*. Aracaju. 2015, p. 149-152.

UNICEF. Adolescência: uma fase de oportunidades. Brasília: UNICEF, 2011. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/br_cadernoBR_SOWCR11\(3\).pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/br_cadernoBR_SOWCR11(3).pdf)> Acesso em: 11 abr. 2016.

UNPD (United Nations Development Programme). Human Development Report 2016. New York: UNPD, 2016. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/2016_human_development_report.pdf> Acesso em: 21 abr. 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 - Capricho

“Não passou pela minha cabeça que havia chances de eu estar grávida”

Ana Paula tem 20 anos e é mais uma das 16 milhões de garotas adolescentes, que ficam grávidas sem planejar, por ano

Por **Da Redação**

© 26 set 2015, 12h50 - Atualizado em 17 ago 2016, 17h20



Você sabia que hoje, dia 26 de setembro, é **O Dia Mundial da Prevenção da Gravidez Não Planejada**? Pois é, a ação é uma iniciativa de ONGs e sociedades internacionais que têm como objetivo promover a conscientização sobre métodos contraceptivos e reduzir os altos índices de gravidez não planejada.

Ana Paula de Grossi foi um desses casos, ela ficou grávida aos 17 anos. Na época, a Ana estava passando férias na Disney com a família. “Eu estava tendo enjoo com frequência, mas como estava indo em vários brinquedos eu nem encanei. **Não passou pela minha cabeça que poderia ser uma gravidez. Nunca passa**”. Quando a Ana voltou para o Brasil e os enjoos persistiram, ela decidiu conversar com a sua mãe. “Tenho uma relação muito legal com a minha mãe e, conversando com ela, minha ficha começou a cair. Compramos um teste de farmácia e ele deu positivo!”



A Ana contou com o apoio de todos: pais, amigas e namorado. “Eu já namorava há quatro anos, ele e a família dele me ajudaram bastante. Eu tive muita sorte em relação a isso”. Nesse período, a Ana ainda estava na escola e optou por entrar em um supletivo para conseguir terminar os estudos mais rápido e poder se dedicar à gestação.

A gente sabe que cada caso é um caso, mas uma coisa é certa: a vida muda! “Antes, eu podia tomar banho a hora que eu quisesse e por quanto tempo eu quisesse. Podia almoçar, jantar, dormir e fazer qualquer coisa sem ter que me preocupar com nada, como uma adolescente normal. Sinto falta disso”, confessa a Ana.

As adolescentes que ficam grávidas, além de todas essas mudanças, também precisam enfrentar mais um drama: o preconceito. “Quando eu estava grávida, eu era o centro dos olhares. Muita gente me criticou por eu ser ‘nova demais’, mas nunca me intimidei. Hoje, perguntas do tipo ‘esse é seu irmão?’ e expressões surpresas com a resposta já são até clichês pra mim. Acho engraçado”.



As principais causas da gravidez não planejada estão relacionadas a falta de uso dos métodos contraceptivo. Não usar camisinha (ou usá-la da forma errada) e tomar o anticoncepcional irregularmente são os mais comuns. Também tem os casais que relaxam um pouco na proteção. No caso da Ana aconteceu durante uma troca de um anticoncepcional para outro.

"Hoje, o Kim tem 2 anos, e eu 20. Entrei na faculdade e estudo Psicologia a noite, então dedico meu dia inteirinho a ele. Quando chego em casa ele ainda está me esperando, ele só dorme quando a mamãe 'chegar de estudar'. Sou muito grata ao apoio que tive dos meus pais, eles foram essenciais para eu enfrentar tudo isso. Hoje, não estou mais com o pai do Kim, mas temos uma relação amigável. Acredito que isso será muito importante para a educação do meu filho. Então, além de mãe adolescente, sou mãe solteira, rs".



De acordo com a Organização Mundial da Saúde, **cerca de 16 milhões de meninas, ao redor do mundo, entre 15 e 19 anos dão à luz todo ano**. Isso é muita coisa! E por mais que a gente pense "ah, isso nunca vai acontecer comigo", toda garota conhece a história de uma amiga da amiga que ficou grávida. A Ana, por exemplo. Uma entre milhões de garotas.

ANEXO 2 - Capricho

“Dez coisas que eu não sabia antes da gravidez”

“Eu me chamo Vitória Feijó, tenho 18 anos e, provavelmente, estou na mesma etapa de vida que muitas de vocês: a fase pré-vestibular. Quer dizer, eu estava...”

Por **Da Redação**

© 28 set 2014, 12h50 - Atualizado em 17 ago 2016, 14h45



A gaúcha **Vitória Feijó** estava no começo do 3º ano do Ensino Médio e tinha acabado de sair do emprego em uma clínica de estética, para se dedicar aos estudos, quando começou a sentir muito sono. De início, achou que era cansaço, coisa boba. Mas depois do sono, vieram os enjoos. “**Fiz quatro testes de gravidez de farmácia. Os três primeiros deram negativo e o último deu indefinido. Resolvi fazer um exame de sangue para tirar a dúvida** . Fui sozinha até o laboratório. Estava morrendo de medo! Tirei sangue de manhã e às 18h20 do mesmo dia entrei na internet para ver o resultado. Positivo.”

A primeira atitude da Vi foi ligar para o Mateus, o pai do seu filho. “Ele ficou sem reação, o que me deixou ainda mais perdida. Eu só pensava em chorar”. O casal estava em uma tentativa de retomar o namoro quando a transa aconteceu. “**Foi um acidente. Acabou rolando... Não queria acreditar que daria azar**. Também tinha a impressão de que se eu tomasse a pílula do dia seguinte, iria me sentir culpada depois. Quando finalmente me convenci de que o melhor seria mesmo tomar os comprimidos e pronto, as 72h limites já haviam se passado.”



Na última sexta, 26, rolou o **Dia Mundial da Prevenção da Gravidez Não Planejada** . Hoje, Vitória está grávida de 26 semanas (seis meses e duas semanas) e, apesar da gravidez não ter sido nem um pouquinho planejada, conta que aprendeu algumas lições desde quando leu a palavra “positivo” na tela de seu computador.

1. Reclamar de precisar ir para a escola é errado

“Continuo cursando o 3º ano, mas, além da mochila, preciso levar o Bernardo comigo. E cansa, viu? Meu sonho era cursar Publicidade e Propaganda logo após me formar no colégio, mas agora só vou poder pensar em voltar aos estudos depois dos seis primeiros meses de vida do Bernardo. Os meus planos de vida mudaram completamente.”

2. Não sou uma exceção

“Antes de tudo, não confie no seu parceiro, por mais que ele seja seu namorado. Também não confie em preservativos. Se cuide e use sempre um método contraceptivo com menos chances de dar errado. O fato de eu ter engravidado não contribuiu em nada para o meu relacionamento. Até pensei que poderíamos nos aproximar, por estarmos no mesmo barco, mas não foi bem o que aconteceu.”



3. Amor de namorado é diferente de amor de mãe e filho

"Com a chegada do Bê, passei a entender o que é amor de verdade. Quando você termina um namoro, sabe que vai sofrer muito, mas, no fundo, também sabe que vai conseguir aprender a viver sem a pessoa. Eu sempre amei muito meu ex, o pai do meu filho, mas o que eu sinto pelo meu bebê não tem explicação!"

4. Nossos pais são os nossos melhores amigos

"Sem o apoio que recebi dos meus pais, eu, com certeza, não estaria aqui. Meu pai recebeu a notícia de uma maneira mais tranquila. Minha mãe, por outro lado, ficou com raiva de mim no início. Mas era pura preocupação. Não gosto nem de pensar o que precisaria fazer caso não tivesse a ajuda deles. Seria realmente impossível."

5. Não sou a dona da razão

"Com a gravidez, aprendi a ser mais humilde. Nunca fui de aceitar muita ajuda. Sempre quis fazer as coisas sozinha e sempre achei que sabia de tudo. Não é bem assim. Hoje, sei enxergar que todas as pessoas têm algo de bom para oferecer e que eu não preciso nem devo fazer tudo por conta própria."

6. Tornamos nossa felicidade algo impossível

"Não preciso de muito para ser feliz. Sentir um chute do meu filho em plena madrugada é algo que já me arranca mil sorrisos. É inexplicável! O mais curioso é que ele mexe sempre quando eu mais preciso. Ele chuta como quem diz: 'Ei! Eu estou aqui. Não esquece, tá?'"

7. Consigo abrir mão dos meus sonhos

"Precisei parar de dançar, porque, agora, quem guia os meus passos é o Bernardo. Eu fazia ballet, jazz e dava aula para crianças. A parte mais complicada, além de parar com a dança, é não ter o pai do meu filho por perto. Não só pela falta de suporte, mas porque eu ainda gosto dele. Mas acho que o pior mesmo é pensar que, no futuro, o Bernardo vai ficar longe do pai. Porque, querendo ou não, sempre sonhamos em ter uma família completa e feliz."



8. É perfeitamente possível viver sem maquiagem

"Nunca havia ficado sem maquiagem antes. Esses dias, minha mãe me deu dinheiro para eu comprar alguns produtinhos, mas, chegando ao shopping, gastei tudo com coisas para o Bernardo. Desde já aprendi a guardar algum dinheirinho para o futuro do meu filho. O foco não sou mais eu, é ele. Amadureci e me tornei mais responsável!"

9. O que chamamos de implicância é pura preocupação

"Sabe aquela coisa que os nossos pais sempre nos dizem: 'quando tivermos os nossos filhos, vamos compreender o motivo de muitas atitudes que eles tomam hoje?'. Pois eu já comecei a compreender... Nossos pais sempre querem ver o nosso melhor e nos proteger até as últimas das consequências. Agora entendo a preocupação que eles sentem sempre que perguntam se eu vou chegar tarde em casa, por exemplo."

10. Um segundo pode mesmo mudar toda a sua vida

"É engraçado, todo mundo me pergunta isso, mas eu não me arrependo em nenhum momento de não ter tomado a pílula. Agora que vejo que o resultado é o meu filho, não consigo pensar em outra coisa a não ser planejar meu novo futuro ao lado dele. Mas que muda, muda."

ANEXO 3 - Atrevida

26 3/2014 Gravidez na adolescência: conheça casos reais de meninas que enfrentaram essa barra

postado à 10h10 por **Felipe Gomes** | [Deixe um comentário](#)

Se você não tem noção de como é a vida de uma garota que já tem filho, a Atrê mostra pra você. Aviso: não é nada fácil!



Pode parecer difícil de acreditar, mas a gravidez não é uma coisa que acontece só com as outras meninas. Basta transar uma única vez sem proteção e você já está correndo risco. E uma vez grávida, a responsabilidade de cuidar do filho é para sempre. E aí, adeus baladas, festas e curtidão... É papo sério!

Conheça a história da Marcela* e da Gabriela*, que ficaram grávidas na adolescência e passaram por grandes dificuldades para conseguir cuidar dos seus filhos.

“Meu namorado sumiu no mundo e meu pai ficou sem falar comigo. Amamento meu filho no intervalo do colégio”.

A Marcela*, de 16 anos, estava namorando há dois meses quando resolveu transar. Na hora, acabou ficando com vergonha de pedir para o garoto usar camisinha e simplesmente deixou acontecer. Tudo o que ela não esperava era que, por conta desse único descuido, toda a sua vida fosse mudar tanto e tão de repente. “Minha menstruação atrasou pela primeira vez e fiquei apavorada. Tentei esconder, mas minha mãe percebeu e, desconfiada, me levou para fazer alguns testes. Logo a gravidez foi confirmada”, conta.

O primeiro baque veio quando ela deu a notícia ao namorado. Ele queria que ela abortasse, disse que não ia assumir a criança e desapareceu. Nem parecia o mesmo menino romântico por quem ela tinha se apaixonado! Assim, a Má se viu sozinha para enfrentar o mundo. “Meu pai ficou sem falar comigo e, em casa, só uma irmã e a minha mãe me ajudaram no começo. Na rua, muita gente me olhava torto, porque me achavam muito nova para ser mãe e até para transar”, conta. Com o tempo, e a barriga crescendo, o coração dos parentes amoleceu e ela se sentiu mais acolhida. O que não significa que as coisas ficaram mais fáceis. Com a evolução da gravidez, ela já não conseguia ir às aulas, fazer todos os trabalhos e acabou perdendo o ano.

A chegada do bebê também fez com que ela abrisse mão das coisas boas da vida de adolescente, como as baladas com a turma, os passeios, a diversão. Agora ela dedica 100% do seu tempo livre ao baby: troca fralda, dá papinha, acorda de noite pra amamentar. E insistiu nos estudos. “Estou estudando no período da manhã e todos os dias, na hora do intervalo, minha mãe leva o meu filho ao colégio para eu amamentar”, conta Marcela, que hoje luta para recuperar o tempo perdido. “Quero terminar meus estudos e começar a trabalhar. É claro que eu amo meu filho, mas, se pudesse voltar no tempo, teria o bebê só depois de estudar, trabalhar e casar”, conta.

“Fui muito humilhada e pediram até teste de DNA do meu bebê. Meus amigos me abandonaram completamente!”

Outra que teve um baby antes da hora foi a Gabriela*, de 19 anos. Na época, ela até tomava pílula anticoncepcional, mas deu uma vacilada ao trocar de medicamento. “A médica disse que, nos primeiros dias, era melhor eu usar camisinha junto, para não correr riscos. Achei que era exagero dela, não dei muita atenção”. Por isso, ela nem chegou a pedir ao namorado para usar o preservativo, já que ele não gostava da coisa. “Ele dizia que machucava e que o sexo não era prazeroso quando a gente usava camisinha. Eu fiz o que fiz pensando em agradá-lo”, confessa.

Daí, a menstruação da Gabi atrasou e ela comprou um teste de farmácia que deu positivo e, depois, correu fazer o exame de sangue, que confirmou que um bebê estava a caminho! O namorado dela, por quem a Gabi tinha tanto carinho, acabou humilhando a garota sem dó, disse que o filho não era dele, que não ia assumir e pediu que ela escolhesse entre ele e o bebê. E o baphão não acabou por aí. Os pais do garoto chegaram a pedir um exame de DNA! A família da Gabi, por outro lado, a apoiou. Mas foram os únicos. Os “amigos” dela sumiram do mapa. “Minha vida mudou muito. Parei de estudar e de sair para os lugares que eu gostava. No meio do ano quero ver se volto pra escola e faço faculdade no ano que vem”, planeja, sabendo que não vai ser fácil conciliar a vida de mãe com os compromissos do colégio. “É muito complicado criar um filho com a minha idade, nunca imaginei que fosse tanto. Se eu soubesse, teria me protegido de todas as formas”, conta.

**Os nomes foram trocados para preservar a identidade das entrevistadas.*

Se você tem alguma dúvida sobre como se prevenir e não passar pela mesma situação da Má e da Gabi, confira as perguntas que a **Atrê**, com ajuda de especialistas, [respondeu sobre o assunto aqui](#).

ANEXO 4 - Atrevida

23 Estou grávida, e agora?

5/2011 postado à 16h41 por **Thais Aux** | [42 comentários](#)

Confira o nosso dossiê com histórias de quem já passou por essa barra, como as famosas lidaram com isso, os erros mais comuns e como não cair nessa roubada

“Não me preocupava em me prevenir, achava que não ia acontecer comigo”

“Engravidar aos 17 anos porque tinha relações com o meu namorado e nem sempre usávamos camisinha. Eu nunca tinha tomado pílula, nem me preocupava com isso, achava que não ia acontecer nada comigo. Quando descobri, demorei dois meses para criar coragem de contar aos meus pais, porque a gente nunca conversou em casa sobre sexo, não tive orientação da parte deles. Tive a sorte de poder contar com o apoio dos dois e do meu namorado. Mesmo assim, fiquei chocada com o que tinha acontecido, minha vontade era sumir, morrer, não queria de forma alguma. Levou um tempo até eu aceitar o bebê. Terminei aquele ano no colégio e tive que parar de estudar, assim como o meu namorado. Arrumamos emprego e fomos morar na nossa própria casa. De uma hora para outra, minha vida mudou totalmente, tive que assumir um monte de responsabilidades, tudo o que a gente fazia era pensando no nosso filho. Sem querer, os amigos ficaram de lado porque as baladas, as bagunças tiveram que ser deixadas para trás. Hoje a minha filha tem sete anos e é supercompanheira, a razão da minha vida. Mas, por ter vindo na adolescência, foi muito difícil. Quando vejo uma garota grávida, fico triste, sei o quanto é sofrido. Ser mãe é bom, mas o melhor é esperar a hora certa.”

Sandra Santos*, 24 anos

“Vou ter que abrir mão de muitos sonhos para cuidar da minha filha”

“Estou grávida de oito meses e meio, minha bebê já vai nascer. Estou feliz, uma criança é sempre uma alegria. Mas, sabe, eu devia ter planejado isso, hoje vejo que errei. Me descuidei completamente com o meu namorado. A gente mantinha relações sexuais e eu não tomava pílula, nem ele usava camisinha. A verdade é que não pensamos nas consequências, no que poderia acontecer depois. Até que um dia eu percebi que estava meio enjoada e comendo demais. Minha mãe também desconfiou e decidiu me levar ao médico. E eu estava grávida mesmo. Meus pais ficaram do meu lado e não me forçaram a casar, eu continuo morando com eles, mas, mesmo assim meu namorado participa bastante. Nesse ponto, eu até tive sorte, porque tem muito cara que não dá a mínima e alguns pais chegam a expulsar a menina de casa. Comigo não aconteceu isso, a única coisa que percebo é um certo preconceito do pessoal na rua, ou mesmo na escola. As pessoas ficam me olhando torto, é bem ruim. Fora isso, tive que desistir do meu sonho de ser aeromoça e larguei o emprego para cuidar do bebê. Até o vestibular que eu planejei prestar ficou para uma outra vez. Se pudesse dar um conselho às adolescentes, diria para elas se prevenirem. O melhor é estudar, trabalhar, ter uma carreira para depois pensar em filho. Se você inverte as coisas, tudo fica mais complicado.”

Carla Regina*, 17 anos

** Os nomes foram trocados para preservar a identidade das entrevistadas.*

Muitas meninas, a exemplo do que contaram a Sandra e a Carla, até conhecem os principais métodos anticoncepcionais, como a camisinha e a pílula, mas, num raciocínio que não tem nada de lógico, acham que não precisam deles. “É como aquelas pessoas que vivem correndo no trânsito. Elas sabem que há limites de velocidade e que estão sujeitas a se envolver num acidente e até a morrer. Mas, por algum motivo, acham que são superpoderosas e que aquilo não vai acontecer com elas. A maioria das meninas pensa mais ou menos a mesma coisa: elas adotam um método anticoncepcional cerca de um ano após a primeira relação sexual. Mas o risco de engravidar nesse meio tempo é muito grande. Isso explica, em parte, o alto índice de gravidez na adolescência”, diz o ginecologista Karam Abou Saab, idealizador do site www.cegonha.org, de orientação sexual e reprodutiva. Por trás desse descuido, no entanto, pode estar uma vontade inconsciente de ser mãe, seja para assumir o papel de adulta, para tentar fazer o namoro se transformar numa relação mais séria ou até mesmo para chamar a atenção da família. O fato é que a estratégia, na maioria dos casos, não funciona como o esperado. A entrada na vida adulta acontece, sim, mas vem carregada de responsabilidades, as quais nem sempre estamos prontas para assumir. A relação com o pai da criança, da mesma forma, pode não evoluir como a gente gostaria. Na maior parte dos casos, mesmo quando os dois se casam, a relação não sobrevive. Além disso, o relacionamento com os pais – os avós da criança – pode tanto melhorar quanto piorar de vez e é bastante difícil prever a reação da família. Existe, inclusive, a possibilidade de que eles não acolham a filha grávida.

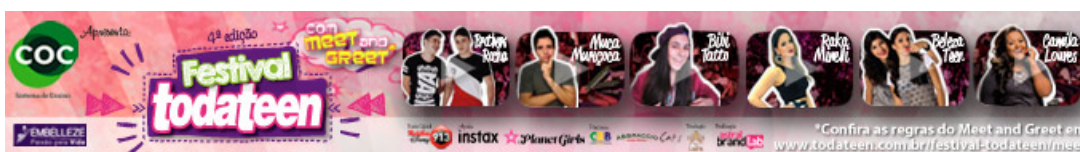
ANEXO 5 - Todateen

17
07/2012

OUTROS

Gravidez na Adolescência

Postado por MELISSA MARQUES



Conheça os problemas que pode enfrentar se engravidar antes da hora

Já imaginou descobrir, da noite para o dia que, por um descuido e sem planejamento algum, você vai ser mãe?

“Estou grávida e meu namorado sempre fala que vamos morar juntos, mas, até agora, nada. Ele fala pra eu ter calma”, Tais, 17 anos.

“Não sei o que fazer da minha vida. Estou grávida e o pai da criança é apaixonado por mim, porém, não consigo corresponder ao sentimento dele”, Mariana, 16 anos.

Depoimentos como estes comprovam que a maternidade é, sim, uma benção, uma coisa maravilhosa na vida de uma mulher, mas é também uma **responsabilidade imensa**. Por isso, deve ser na hora certa, com maturidade. A gravidez precoce pode causar muitos transtornos para uma garota.

A BARRIGA VAI CRESCER

Não adianta esconder por muito tempo, o seu corpo vai mostrar que você está grávida. Tudo bem que resolva contar primeiro para a sua melhor amiga, mas, como não dá pra voltar atrás, abrir o jogo logo com a sua família é a solução.

**APOIO DA FAMÍLIA**

Quando der a notícia, seus pais podem não aceitar a situação numa boa. Pense: se, pra você, a notícia caiu como uma bomba, imagina para eles? Você precisa ter paciência e, aos poucos, convencê-los do quanto o **apoio deles será fundamental neste momento**. Assuma que errou e que está disposta a mudar de atitude daqui pra frente.



CADÊ O PAI?

Além das fofocas na escola ou no trabalho, das cobranças familiares, dos deveres de uma futura mãe, você ainda precisa encarar o futuro pai do seu filho. Se ele é seu namorado e, mesmo com a pouca idade, vai assumir essa

gravidez com você, ótimo! **Esse apoio também é muito importante.** Mas, se a relação entre vocês era bastante instável e sem compromisso, o garoto pode, simplesmente, sumir e deixar que você cuide de tudo sozinha.

A FAMÍLIA DELE...

Isso sem contar que você pode ainda escutar besteiras dos parentes dele, dizendo que você foi interesseira, oportunista, criança, irresponsável, etc.



DE FILHA A DONA DE CASA

No caso de resolverem se casar ou morar juntos, os problemas virão quando você, que tinha uma vida tranqüila, só ajudava sua mãe nas tarefas da casa perceber que, agora, **será a responsável por tudo**. Tarefa nada fácil, já que você vai precisar amadurecer na marra!

O QUE FAZER?

Depois que o fato está consumado, não tem outro jeito. Você precisa assumir esse filho, seja como for. Pense que **ele não tem culpa** de nada e merece o seu carinho.

CUIDE-SE!

Fazer o **pré-natal** (acompanhamento médico durante os 9 meses da gestação) é fundamental para a sua saúde e para a do bebê. Procure um Posto de Saúde mais próximo da sua casa e siga as orientações médicas.

PREVENÇÃO É TUDO!

Você, muitas vezes, pode pensar que a camisinha é um mero detalhe, né? Mas não é. Ela, além de evitar uma gravidez indesejada e todos os problemas citados nesta matéria, protege contra as **Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)**. Então, se decidir transar, exija que o seu namorado, ficante ou rolo use camisinha sempre. Lembre-se: numa gravidez precoce e não desejada, quem sofre as piores conseqüências é você!

Texto: Fernanda Moraes

Foto: ThinkStock e Getty Images

Tags: **Doenças Sexualmente Transmissíveis, Gravidez, Gravidez na Adolescência, Gravidez Precoce, Pré-Natal**

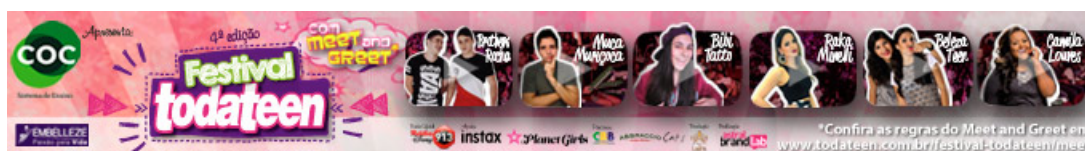
ANEXO 6 - Todateen

16
04/2012

PAPO SÉRIO

Grávida e adolescente

Postado por: REDAÇÃO TODATEEN

A história de uma garota que viu sua vida mudar aos 17 anos**A história de uma garota que viu sua vida mudar aos 17 anos**

Imagine só um dia normal: você acorda, toma o café que a mami já pôs na mesa, vai pra escola, estuda, fofoca com as amigas, chega em casa, fica na net, vai ao cinema com seu fofo... Pode confessar: é uma vida boa, não? Assim também eram os dias da Sherilyn Silva, que hoje tem 21 anos, mas descobriu que sua vida nunca mais seria a mesma aos 17. O motivo? Ela estava prestes a se tornar mãe.

“OMG! Estou grávida!”

A Sherilyn também tinha uma rotina tranqüilinha, como a sua. Estudava, curtia baladas com as amigas e namorava o Rogerio. O namoro, aliás, já durava um ano e ia bem, obrigada. O único probleminha na história é que ela não usou camisinha. “Eu tomava pílula, mas troquei uma demorou muito pra fofa descobrir e a notícia veio como uma bomba: “É difícil explicar o que senti na hora, foi um choque!”.

O momento de contar a verdade

Quando Sherilyn desconfiou, foi logo comprar um exame de gravidez na farmácia. Deu positivo. Depois de saber que carregava um bebê dentro dela, tomou coragem e contou para sua mãe, que na mesma hora a levou para fazer um exame de sangue. “Minha mãe não falou uma palavra na hora em que contei e eu sei que ela ficou assustada. Mas quando tivemos certeza, ela me apoiou em tudo”. Sherilyn também não demorou a contar para o namorado, que, diferente da mãe, teve uma reação mais assustada. “Ele fez uma cara feia quando contei, ficou meio bravo. Mas no mesmo dia ele voltou e disse que estava feliz”.

Para a psicóloga Angélica Luchesi Barnes, quando não há o apoio dos pais, a saúde da menina e do bebê é a principal afetada. “O acolhimento e a compreensão são necessários para a mãe e para a qualidade de vida do bebê. Quanto mais ela puder entender e valorizar a vida que está dentro dela, melhor para a saúde emocional da criança, além de a mãe se sentir mais capacitada para cuidar e educar”, explica.



Sherilyn e o filhinho Pablo Miguel (Fotos: Facebook)

De filha a mamãe e dona de casa

Depois de um tempo, a Sherilyn e o Rogerio decidiram morar juntos. Já dá pra imaginar como ficou a cabeça dela, né? “Minha vida mudou completamente. Agora eu tenho responsabilidades não só comigo, mas também com outra vida”, conta a mamãe do Pablo Miguel, que já tem três aninhos de idade. Cuidar da casa; do filho; do namorado que virou marido; deixar de estudar e curtir a vida como fazia antes; tudo isso vem junto no pacote da gravidez precoce. “Eu estava no 3º ano do ensino médio quando fiquei grávida, consegui terminar a escola, mas fiquei dois anos sem trabalhar e estudar. Quando você tem um filho e uma família, você só vive para isso”.

Deu pra sacar que a Sherilyn precisou amadurecer antes do tempo, né? E isso não é nada fácil! “Essa nova situação chega acompanhada do preconceito das pessoas, da falta de liberdade e da mudança no convívio social”, diz a psicóloga. A amizade com as amigas, por exemplo, muda muito. A menina tem outras prioridades: as paqueras, as fofquinhas de escola, as saídas pra balada, tudo isso fica em segundo plano. Ela agora se torna uma menina-mulher e, a adaptação é lenta e difícil. “É bom lembrar que essa adolescente ainda está em processo de amadurecimento, precisando de muito cuidado e respeito”, completa.